DEPÓSITO LEGAL
5 JUN. 1969

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

A BOLA

JORNAL DE TODOS OS DESPORTOS

ANO XXV
3517

EDITOR
J. GONÇALVES BANDEIRA

PROPRIEDADE: SOCIEDADE VICRA DESPORTIVA LIMITADA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
TRAV. DA QUEIMADA, 25, R/C.
TELEFONES: N.os 33981/2/3
END. TELEG.: ABOLA — LISBOA
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 67 ★ LISBOA

LISBOA
SÁBADO
21
JUNHO
1969

FUNDADORES: CÂNDIDO DE OLIVEIRA e RIBEIRO DOS REIS
DIRECTOR: VICENTE DE MELO

PUBLICA-SE ÀS 2.as, 5.as E SÁBADOS
Preço avulso 1$50

AMANHÃ, NO JAMOR, A GRANDE FESTA DA FINAL DA «TAÇA»

ACADEMICA-BENFICA

—A REDENÇÃO DA TÉCNICA

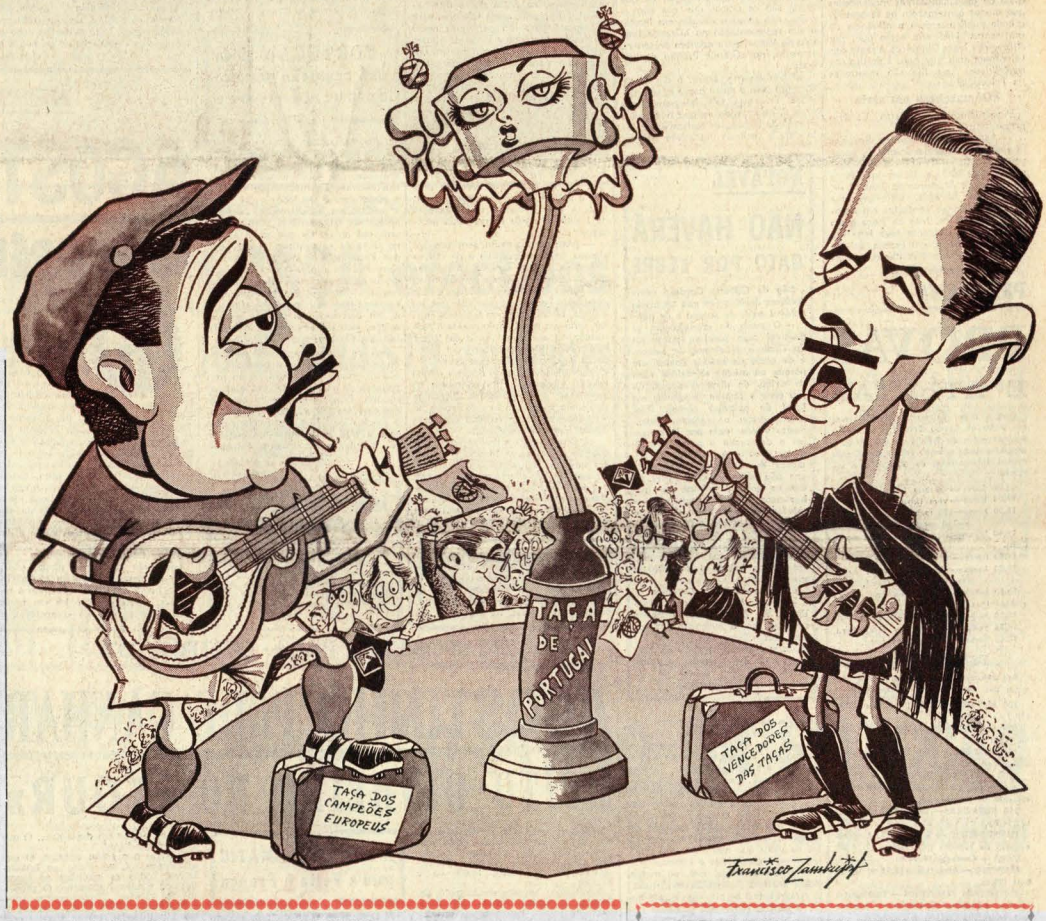
POR
VÍTOR SANTOS

AMANHÃ, no «solenemente popular» ou «popularmente solene» ambiente do Estádio Nacional, esse «Belo Adormecido» do Jamor que, há doze dias, a 10 de Junho, comemorou as suas «Bodas de Prata» sem que ninguém desse pela efeméride e a registasse de qualquer maneira, como nos parecia justo, vamos ter a «Festa Anual» da final da Taça de Portugal, acontecimen impar do ambiente futebolistico lusitano, que, lenta e progressivamente, ganhou a sua tradição e o seu prestigio, a ponto de, hoje por hoje, constituir uma jornada «sui generis», feita de entusiasmo, de bulicio, de cor, de alegria, de alacridade, de vibração, enfim de tudo quanto impõe e caracteriza uma «Festa do Povo» — desse Povo maravilhoso dos domingos da bola nacional, profundamente genuino na espontaneidade e na fidelidade com que se dedicou ao discutido, exaltado, vilipendiado, maravilhoso e misérrimo «desporto-rei».

Pela 29.ª vez, depois daquela romântica tarde de 25 de Junho de 1939, no velho campo das Salésias que o camartelo municipal destruiu ao Belenenses, escrevendo um capitulo do «drama glorioso» que tem sido a vida da prestigiosa colectividade «azul», vamos viver, todos a «sedução da

(Continua na 6.ª pág.)

CORAGEM *Gilberto Cardoso, um dirigente desportivo corajoso e desassombrado, dá hoje, em «A Bola», opiniões de um interesse e de uma volidade inultrapassáveis*



HONROSA DISTINÇÃO

VÍTOR SANTOS
HÓSPEDE DE HONRA DA C. B. D.

Por oficio, anteontem recebido e assinado pelo seu ilustre presidente, dr. João Havelange, a Confederação Brasileira de Desportos dirigiu um convite pessoal ao nosso camarada Vitor Santos, para que, como hóspede de honra daquele alto e prestigioso organismo desportivo do país-irmão, se desloque ao Brasil, a fim de assistir aos «IV Jogos Desportivos Luso-Brasileiros», que decorrerão entre 19 de Julho e 3 de Agosto próximos.

Não só porque a distinção conferida ao seu categorizado chefe de redacção a toma e sente «A Bola» como dirigida ao próprio jornal, como também porque são do mais amável e cativante teor os termos em que se encontra redigido o convite da C. B. D., aqui registamos e agradecemos, desvanecidamente, a simpática atitude do organismo a que preside essa nobre figura de desportista e de homem que é o dr. João Havelange.

O G. P. DE LISBOA de ATLETISMO sugere..

NINGUÉM NOS LIGA NENHUMA
—ESTA É A GRANDE VERDADE!

— proclama GILBERTO CARDOSO, presidente da Associação de Atletismo de Lisboa

O dia de hoje, bem pode ficar assinalado na história do desporto português, pois realiza-se, à tarde, no Estádio da F. N. A. T., (a partir do martelo, que abre a sessão, no Campo Grande), a primeira edição do «Grande Prémio Internacional de Lisboa» — uma muito louvável organização da Associação de Atletismo lisboeta, que pretende dar-lhe continuidade anual e incluí-la até, no calendário internacional da modalidade.

Trata-se, evidentemente, de um empreendimento de acentuada envergadura e, até porque entendemos que não deveriam deixar de ser trazidas ao conhecimento geral as dificuldades encontradas pela Associação de Atletismo de Lisboa, tivemos encontro e entrevista com o presidente da respectiva Direcção, o dinâmico e sempre corajoso e desassombrado Gilberto Cardoso, que já por diversas vezes foi dirigente do Benfica.

ENTREVISTA DE
CRUZ DOS SANTOS

...Coragem e desassombro, que, aliás, o nosso entrevistado nos confirmou, uma vez mais, quando teve esta primeira afirmação:

— Com a honrosa excepção dos espanhóis, ninguém nos liga nenhuma. Esta é que a verdade, a triste verdade.

E, perante a nossa expectativa, Gilberto Cardoso entrou a contar a curiosa história que pretendíamos conhecer:

— Pensámos que Lisboa também deve e pode ter o seu «Grande Prémio», em atletismo, e entendemos que a data ideal para a sua realização seria o dia 13 de Junho, já por se tratar do «Dia da Cidade», em cujos festejos poderia incluir-se, já, porque contamos com o patrocínio da Câmara Municipal de Lisboa, sem o qual, digo-o já, nem sequer teríamos hipóteses de pensar no assunto.

«Ora, como é evidente, uma organização destas tem de ser encarada e planeada a grande distância e, como tal, em Novembro último, aproveitámos a deslocação ao Congresso Internacional de Atletismo, em Bruxelas, do então secretário-geral da nossa Federação, sr. Luís Inácio, para lhe solicitarmos que ali tentasse não só fixar o dia 13 de Junho para o «Grande Prémio de Lisboa», mas também incluir a prova no calendário internacional da modalidade.

«É foi aqui que, mais uma vez, ficou demonstrado a pouca ou mesmo nenhuma importância que atribuem ao desporto amador português, além-fronteiras. Tudo tentou o nosso dirigente

(Continua na 2.ª pág.)

SEXTA-FEIRA, EM NOVA IORQUE

O BELENENSES DEFRONTA O MILAN

A desistência do Santos do Torneio Internacional de Nova Iorque ou melhor a proibição da C. B. D., fundamentada na preparação do «onze» nacional do Brasil, com vista aos jogos da fase preliminar do Campeonato do Mundo, propiciaram a visita do Belenenses a Nova Iorque, onde faz agora alguns anos, o clube lisboeta teve comportamento de muito mérito num outro Torneio Internacional.

A equipa lisboeta, convidada a substituir o famoso conjunto de

(Continua na 6.ª pág.)

DOCUMENTÁRIO

DUAS IMAGENS DO MESMO OBJECTO

POR
JOSÉ OLÍMPIO

SEI que é excessiva «liberdade de formas» chamar objecto à Técnica. Mas assim, parecou-me mais sugestivo, até por nos fazer regressar aos tempos distantes dos estudos secundários. Aí, nas horas da Física, imagem e objecto eram termos que andavam sempre de mãos dadas.

Mas trata-se de Técnica. De um dos ingredientes do fenómeno desportivo de maior importância, pese embora a quantos modismos a pretendem menosprezar, de longe em longe conforme os ventos sopram...

Ultimamente estabeleceu-se acesa diálogo entre dois valores que deveriam ser complementares ou interdependentes, — a técnica e a capacidade de atlética. E porque esta última levou algumas vezes de vencida aquela (o caso Benfica-Ajax), houve quem supusesse que o cerne do problema estaria no emissolo e no pul-

(Continua na 6.ª pág.)

II TAÇA DA CIDADE DO PORTO

F. C. PORTO E SLOVAN SÃO OS FINALISTAS

(Ler reportagem na página 3)

DICIONÁRIO DESPORTIVÍSSIMO

OSSO
— alvo do jogador temperamental.
OSTENSIVO
— o osso de fora.
OSTENTADO
— tentado a dar no osso.

PARRA — Calções de Adão

POR
CARLOS PINHÃO

OSTRACITE
— doença de vedeta que foi esquecida.
OTITE
— doença dos que embirram com o Otto Glória.
OTOMANO
— o irmão de Otto Glória.
OTTO
— o irmão do irmão do Otto Glória.
Ó-TU...
... que tens de humano o gesto e o peito.
OVAL
— bola de râguebi.
OVAR
— jogar râguebi.
OVARISTA
— adepto do desporto feminino.
OVELHA
— Mééééééee...

(Continua na 6.ª pág.)

COIMBRA «DESINTERESSADA» DA FINAL

«BRIOSA» NUNCA PERDE

— ÀS VEZES, OS OUTROS É QUE GANHAM

Coimbra sem estudantes não parece Coimbra. E os estudantes não se vêem em Coimbra. Disseram-nos que alguns (muitos) tinham ido para casa estudar. Outros (a maioria) tinham ido para casa, começando já as férias. Os restantes (poucos) estavam ainda em Coimbra, mas o repórter não os via.

Coimbra sem estudantes não parecia a mesma.

Foi uma cidade diferente aquela que o repórter foi «descobrir» a Coimbra.

★

Há poucos estudantes em Coimbra. Vimos três (dois rapazes e uma rapariga) na Universidade, conversando calmamente.

— Vamos para a ponte logo às dez da manhã pedir boleia e arranja-se de certeza...

CHAMPANHE EM VEZ DE LARANJADA NA BAGAGEM PARA LISBOA

— Pois é, eles dão boleia à miúda, mas nós os dois ficamos a ver navios...

— O que tu tens é ciúmes. Mas os ciumentos não vão ao futebol...

★

Na Secção de Futebol, pouco movimento.

— Pois é, têm-se vendido poucos bilhetes. Primeiro, ainda pensámos em venda de lugares é muito inferior à de há dois anos.

★

É já formado. Foi comprar bilhetes também ao «guichet» da Secção de Futebol.

REPORTAGEM DE

JORGE SCHNITZER

— Peça lá aos jogadores que resolvam a questão na primeira meia hora. Eu sofro do coração e só queria que não acontecesse o mesmo que há dois anos, com aquelas duas horas a tal a sofrer, a sofrer... Fercam ou ganhem, mas resolvam a coisa logo ao princípio...

★

Como é da praxe, não há prémios para os jogadores.

— A gente desta vez, em vez de laranjadas, leva champanhe para Lisboa. Mas bebemos o champanhe, na mesma, qualquer que seja o resultado.

★

— Foi o sr. Cândido que disse, aqui, um dia: «A Académica nunca perde — às vezes o adversário é que ganha... — Aqui na «Briosa», o mais importante, com efeito, não é ganhar os jogos...

★

Apesar de a semana que a equipa de futebol vive, na expectativa pela grande final, mesmo assim dois jogadores alternam os exames com os treinos. São eles, Rui Rodrigues e Gervásio. O «capitão» passou já em todas as cadeiras que lhe faltavam para concluir o sétimo ano e prepara-se, agora, para a aptidão a Letras.

A Rui Rodrigues falta só Ciências Naturais, do sétimo. O exame foi ontem — antevéspera da final...

Apesar do desinteresse que se nota em Coimbra, mesmo assim é de prever que, a «Briosa» tenha uma grande falange de apoio em Lisboa.

Muitos dos estudantes que foram para casa, e, porque têm, agora o tempo livre, irão de abalada até Lisboa, comprando os seus bilhetes na capital.

★

A caravana da Académica tem seguido o seu programa normal. Na quinta-feira, alguns dos jogadores foram até à Adémia, ali a três quilómetros de Coimbra, na estrada Lisboa-Porto, e houve uma «farra» igual a todas as «farras» de todas as semanas.

A descontracção continua a ser grande, apesar da final...

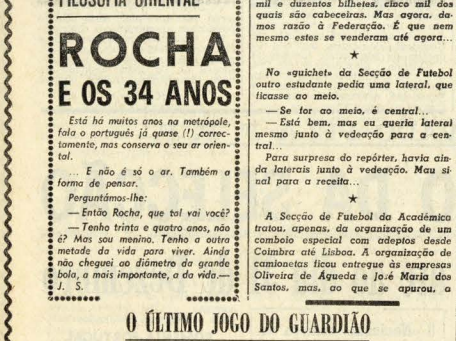
★

Quinta-feira, a Televisão esteve no Calhabé. O nosso camarada Júlio Fernandes mais uma equipa de técnicos foi filmar o treino dos estudantes e ouvir o treinador Francisco Andrade. A reportagem será transmitida hoje, em Teledesporto.

★

Depois desse treino houve, ontem, banhos e massagens. Hoje, a caravana...

(Continua no 6.º pág.)



ESTÁ NA HORA — Junto ao relógio do Calhabé, quatro dos jogadores mais em foco na equipa da Académica parecem aguardar a hora da vitória. São eles Curado, Nene, Mário Campos e Belo

LOTAÇÃO ESGOTADA

«ZIP-ZIP» — «Não» à «BRIOSA»

A pedido dos jogadores, os dirigentes da Académica tinham decidido que a caravana fosse hoje, à tarde, ao Villaret, assistir ao «Zip-Zip» tal como acontecera, com grande êxito, há quinze dias, quando o «malta» veio a Lisboa jogar contra o Sporting.

Com grande desgosto dos estudantes e dos produtores do programa, tal não será possível, pois a lotação desde segunda-feira que está esgotada. O que prova o êxito do programa. O que provocou decepção em Coimbra, pois «Zip-Zip», como eles dizem, «é barilo...» — J. S.

O GRANDE ESTÁGIO — Em vez do estágio, os jogadores da Académica foram irreverente e descontraidamente até Adémia para uma grande «farra» à típica maneira das noites da Universidade. Na mesa, os copos cheios de cerveja serão tónicos para a grande final

ANDRADE, O «MISTER-JUVENTUDE»

EU NÃO TENHO

A MANIA DAS TÁCTICAS

«BENFICA não tem mais força do que o SPORTING»

E ele foi, para a Académica, há muitos anos para jogar futebol. Partiu um pé e depois tornou-se no treinador da escola de jogadores e de juniores do clube.

Um dia a Académica ficou sem treinador. Wilson foi dispensado e o seu sucessor teve que sair também do clube. Então foram ter com o homem que entrava no campo, de manhã, com o sol e que saía quando o sol saía também e a tarde começava a desaparecer.

«Pegou» na Académica sem Artur Jorge e sem Ernesto. Operou a grande viragem numa equipa que tinha feito um campeonato banal, levando-a sensacionalmente, à final da Taça de Portugal.

Ele é Francisco Andrade, o homem que nasceu há trinta anos em Penalva do Castelo, foi, ainda menino, para a Académica, e anda hoje na primeira página dos jornais.

Treinador por infelicidade

— Francisco Andrade, por que é você treinador?

Faz uma longa pausa e medir bem as palavras que vai dizer. Aliás, Andrade é sempre assim. Fala sempre baixinho, pressente-se que é daqueles homens que nunca terão soltado um grito na sua vida, que dão as ordens devagar, que falam como os homens devem falar uns com os outros. Depois diz ao repórter:

— Seu treinador porque tive grandes infelicidades na minha vida. Primeiro, eu nunca tinha jogado num clube, profissional ou a sério, porque o meu pai não deixava. Um dia, tive a grande infelicidade de o meu pai morrer e, então, sim, vim para Coimbra para jogar na Académica.

«Só cá joguei durante três anos. Então, um dia, tive a outra grande infelicidade. Parti um pé, pensei logo que a minha carreira parava ali, que nunca mais jogaria a bola. Foi então que a Académica me convidou para eu orientar as escolas de jogadores do clube. Aceitei com alvoroço, porque queria continuar ligado ao futebol, continuar no futebol. E foi assim que «me fiz» treinador.

— Andrade, você gosta mais de treinar os miúdos ou os jogadores da sua idade?

Sorri. É um sorriso de homem bom, que não é só o técnico que orienta uma equipa, mas é também o amigo dos jogadores que, com ele, trabalham numa obra comum.

— Sabe, gosto muito de futebol, gosto muito de treinar. Com jovens ou com seniores, treinar é sempre futebol. Agora, devo dizer é que treinar os juniores me parece mais difícil. Aos jovens, há que ensinar o ABC do futebol; aos seniores, não, vêm já preparados, o trabalho é praticamente só psicológico e táctico.

Francisco Andrade é um homem do futebol, gosta do futebol que ele escolheu para centro da sua vida.

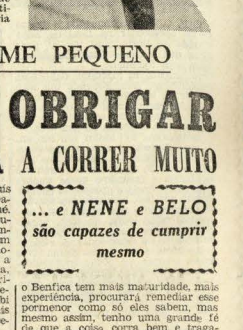
— Além de treinador dos jovens da Académica, você treinou também a primeira categoria de um outro clube...

É verdade. No ano passado e em parte deste, fui o técnico da equipa do Naval Primeiro de Maio. Claro, isto exigiu de mim um suplemento muito grande de esforço, dado que eu só podia orientar o Naval, desde que não prejudicasse a minha actividade na Académica. Então, havia dias em que eu acabava ao meio-dia um jogo dos juniores e, depois, sem almoçar, ainda me metia no carro e ia por aí abaixo, quilómetros e quilómetros para estar, às três horas, no campo onde o Naval ia jogar. Isto chegou a acontecer em relação a Odivelas e outras localidades distantes, obrigando-me a viajar igual mente a velocidades perigosas.

Depois, disseram, um dia, a Francisco Andrade que ele não podia treinar mais o Naval Primeiro de Maio, porque ia passar a ser o treinador principal da equipa da Académica.

— No ano passado, o Naval esteva praticamente afastado da luta pela subida quando me chamaram.

(Continua na 7.ª pág.)



FILOSOFIA ORIENTAL

ROCHA E OS 34 ANOS

Está há muitos anos na metrópole, fala o português já quase (!) correctamente, mas conserva o seu ar oriental.

... E não é só o ar. Também a forma de pensar.

Perguntámos-lhe:

— Então Rocha, que tal vai você?

— Tenho trinta e quatro anos, não é? Mas sou menino. Tenho a outra metade da vida para viver. Ainda não cheguei ao diâmetro da grande bola, a mais importante, a da vida. — J. S.

«ULTIMATO» À «ESTRELA»

ARTUR JORGE — 24 HORAS para dizer «SIM» ou «NÃO»

Artur Jorge fica ou não fica em Coimbra? A pergunta agora já tem sido feita menos vezes, pois esta sensacional «Académica de Andrade» em relação à época passada, sem Ernesto e sem Artur Jorge, conseguiu chegar à final da «Taça de Portugal».

No entanto, a pergunta continua em suspenso: Artur Jorge fica ou não fica?

O dr. João Moreno, chefe da secção de futebol da Académica, disse-nos:

— Artur Jorge tem ainda vinte e quatro horas para decidir. Com efeito, estabelecemos desde há muito a data de 22 de Junho como limite para se saber com quem é que podemos contar ou não para a próxima época.

— Até agora...

— Até agora, o Artur Jorge tem dito sempre que ainda não sabe, que assim que souber nos diz. Mas como lhe disse, até 22 de Junho, teremos de saber com o que contamos...

Soubemos, depois, que corre com insistência, entre os meios académicos, que deve ser pouco provável que Artur Jorge vá para o Benfica. É voz corrente que o grande jogador deverá seguir para o Ultramar em cumprimento do serviço militar pelo que deixará, por ora, de interessar ao grande clube de Lisboa. Por outro lado, pensa-se também que a indecisão do «ponta-de-lança» de Coimbra se deve precisamente a essa espera — saber se vai ou não para o Ultramar.

Peres deve sair

Outro caso do momento é o de Peres. Também até esta data se não sabe se ele fica ou não em Coimbra. É o dr. João Moreno quem nos esclareceu:

— Estou sinceramente convencido de que Peres acabará por não ficar connosco. Com efeito, pelo que sei, a diferença de verbas entre o que Peres pretende e o que o Sporting está disposto a dar-lhe é tão pequena que não deve deixar de ser coberta.

— A Académica não se opõe?

— Não. A Académica nunca se opõe em casos como esse. Os jogadores são livres de escolher o rumo que mais lhes interessar. Só cá fica quem quer efectivamente ficar.

Acrescentou:

— Repare-se, no entanto, que o atleta se nos revelou sempre de uma correcção a toda a prova. Isso apraz-nos registar e se ele se for embora, é com mágoa que o veremos partir, tanto mais que se trata de um jogador de grande categoria. No entanto, aqui na Académica, todos os jogadores são livres de procederem como muito bem entenderem...

O jogador por sua vez não é de opinião que a sua saída esteja iminente:

— Sabe, eu tenho-me dado maravilhosamente, por cá. Primeiro custou muito a ambientar-me, mas, agora, já me sinto muito bem e o meu rendimento na equipa tornou-se logo superior. Além disso, gostaria, efectivamente de concluir o meu curso...

— No entanto, diz-se que você até já assinou pelo Sporting...

— Desminta. Pode desmentir porque isso é redondamente falso. O que apenas sucedeu foi que me pediram uma proposta, eu apresentei-a e o Sporting depois respondeu com a sua contraproposta. Acontece que, em caso nenhum, baixarei a minha proposta, portanto só depende do Sporting eu ir para Alvalade ou não.

Depois:

— Sabe, jogarei pela Académica a minha primeira final. Mas pode muito bem acontecer que não seja a última...

Um guarda-redes

Ao que se tem propalado, também, a Académica está interessada em adquirir diversos jogadores. Também foi o dr. João Moreno quem nos disse:

— O nosso problema fundamental, neste momento, é o do guarda-redes. Como se sabe, Viegas vai para a tropa em Outubro, e, então, teremos de pensar num substituto para o seu lugar. Sinceramente, não vejo por aí nenhum guardião de primeiro plano que estude, pelo que teremos de contratar um outro guarda-redes sem provas dadas, mas que seja estudante.

— O ano passado a Académica esteve quase a contratar um guarda-redes argentino, Malbernat...

— Não, esse não tem quaisquer hipóteses de vir para Coimbra. Bem vê, se fosse brasileiro, ainda se admitiria que pudesse tirar aqui um curso. Mas, sendo argentino, como pode ser? Foi-me apresentado no campo do Atlético, o ano passado, mas não creio que possa vir para Coimbra.

★

Académica em final de época. Vai haver «grossa» mudança.

JORGE SCHNITZER

O TITUS
BOM, COMO SEMPRE
MELHOR QUE NUNCA

OS DE NOME PEQUENO

VAMOS OBRIGAR O BENFICA A CORRER MUITO

... e NENE e BELO são capazes de cumprir mesmo

— O meu nome é Modesto Luís Ortuz Sousa Neves. Nasci em Espanha, e lá aos bebés chama-se Nené. Depois, a minha mãe foi para Lourenço Marques mas continuou sempre a chamar-me Nenie. Quando vim para Coimbra para jogar nos juniores de cá, continuaram sempre a chamar-me Nene. Na época passada, fiz dois jogos particulares pela primeira categoria e os outros pela reserva. Agora, só este ano é que subi à primeira categoria já com ar mais ou menos definitivo, a partir da segunda volta.

«Não, não tenho nenhum complexo por ser mais baixo do que os outros. No futebol, o que conta não é a altura. Além disso, acho que tenho bom corpo para aguentar os choques com eles, que são mais velhos, mais altos e mais pesados. Até hoje, felizmente, ainda não senti nada por isso...

«A crítica tem dito que tenho feito algumas exibições muito boas, mas sinceramente, uma daquelas que gostei menos foi a realizada contra o Benfica, aqui no Calhabé. Essa foi, efectivamente uma das nossas piores tardes, mas não acredito que voltemos a repetir uma exibição como essa, até porque agora estamos num momento de «forma» muito superior.

«Além disso, nós temos uma vantagem em relação ao Benfica. Somos mais jovens, estamos até, este ano, excepcionalmente, mais frescos numa altura destas. Por isso, vamos obrigar o Benfica a correr muito. Claro, o Benfica tem mais maturidade, mais experiência, procurará remediar esse pormenor como só eles sabem, mas mesmo assim, tenho uma grande fé de que a coisa corra bem e tragamos a taça para Coimbra. E que cá em Coimbra, fomos todos embalados pelo jogo deles, e agora, vamos fazer o contrário e obriga-los a eles a frem no nosso jogo para terem que correr tanto como nós...

●

— Não, não é verdade que eu tenha um nome pequeno, o meu nome completo é José António Pinto Belo. Realmente, Belo é que tem poucas letras e então «A Bola» escreveu que o meu nome e o de Nene são pequenos mas pertencem a grandes jogadores.

O Nene é um grande jogador, não há dúvida, mas eu, desde que comecei a jogar no primeiro «team» substituindo Vieira Nunes quando ele se lesionou, acho que não tenho feito nada de excepcional. Claro, procuro sempre cumprir e acho, que, mais cedo ou mais tarde, nouteo, tenho sempre cumprido.

«Agora, por exemplo, o jogo de amanhã, é dos tais que temos de cumprir mesmo. É uma final e nas finais, não se pode falhar. No entanto, para nós, cuja primeira preocupação são os exames, é mais um jogo igual a todos os jogos.

«Claro, em futebol, as equipas têm fases. Nós estávamos numa fase que não era assim muito boa, que foi quando tivemos que jogar contra o Ferroviário. Depois vieram os desafios contra o Guimarães e, então, reabilitámo-nos. Agora, contra o Sporting, fizemos duas «jogas» sensacionais e cá estamos à espera do Benfica.

«Para mim, a Académica de agora provoca-me uma sensação muito especial, pois volto a ser treinado por André de, que foi o meu treinador nos juniores. Claro, todos nós ficamos amigos uns dos outros e, claro, sentimos estes momentos.

«Acima, a alegria que queríamos dar-lhe era ganhar ao Benfica. Vai ser difícil, mas nós temos as nossas armas, vamos jogar com elas e pode ser que o Benfica perca mesmo a final.

«Claro, somos mais novos, vamos obrigar o Benfica a correr muito, vamos atacar também, não vamos ficar cá atrás à defesa e a Taça há-de ser nossa.

JORGE SCHNITZER

O ÚLTIMO JOGO DO GUARDIÃO

NÃO TENHO FEITIO PARA SER FUTEBOLISTA

«Talvez um dia, volte a jogar basquetebol, mas, futebol, nunca mais!»

— Viegas, você faz, amanhã, o seu último jogo pela Académica?

— Pois é. Agora, já não devo voltar a jogar. Em Outubro, entro para a tropa, o meu curso deve ficar concluído este ano e, assim, não volto a jogar.

— Você não gosta?

— Gosto mas não gosto muito. Digo mais; não tenho feitio para jogar à bola.

— Então, tem feitio para quê?

— Não sei bem. Mas para jogar à bola, não. Talvez, depois, jogue bas quetebol. Confesso que gosto mais. Sabe, sou alto, quando era miúdo, jogava basquetebol, mas depois, troquei pelo futebol, pois tinha maiores compensações, naturalmente...

— Acusam-no de você dar muitos «frangos». Será por isso que se «zan. gou» com o futebol?

— Não. Não acredito nisso. Eu não ligo a essas coisas. As razões são aquelas que lhe dei...

— No domingo os jornais disseram que você «queria» dar um golo ao Sporting...

— Os jornais dizem mas eu não estou de acordo. À noite, viu-se pela televisão. Foi um cruzamento a que eu me fiz, não pude agarrar a bola, só soca-la para o lado, mas do lance nada resultou.

— No entanto, você tem amargas recordações de jogar com o Benfica em Lisboa...

— Sim, em Lisboa, perdemos por 3-2 mas merecíamos e podíamos ter ganho. Eu lembro-me do golo, O Praia cabeceou não se sabe como com a nuca ou lá o que é que foi, eu estava adiantado, como aliás todos os guarda-redes têm de estar colocados na baliza a bola descreveu uma curva e entrou mesmo.

— Agora, vê o Praia jogar...

— Não, não tenho complexos desses. Também não fico a tremer por do lado de lá, estarem o Eusébio e o Torres a rematarem à baliza.

— Dizem que o Benfica não está a cem por cento...

— Dizem, mas eu não sei de nada. Cá o Benfica jogou bem. Lá nem por isso. Mas a «malta» está sempre na calma...

JORGE SCHNITZER

O QUE FALTAVA DIZER

«POR QUE JOGÁMOS DE BRANCO EM ALVALADE»

Como se sabe, a Académica jogou de branco no Estádio de Alvalade, no desafio da meia-final contra o Sporting. Esse facto provocaria, depois, um comunicado da Federação no qual, entre coisas, se proibia que os jogadores envergassem outros equipamentos que não fossem habitualmente usados pelos respectivos clubes.

O dr. João Moreno, chefe da secção de futebol da Académica abriu o «dossier» e contou-nos:

— O facto de a Académica ter jogado de branco em Alvalade provocou os mais variados comentários e as mais desencontradas reacções. Acho, pois, que é efectivamente conveniente explicar como as coisas se passaram.

«Assim que o nosso delegado em Lisboa nos informou de que o adversário que nos calhava era o Sporting, entrámos em contacto com o major Lobo da Costa no sentido de que o desafio se disputasse à noite.

«A resposta do Sporting foi negativa e, então decidimos, para minorar os efeitos do calor, jogarmos de branco, pois como se sabe o calor é mais absorvido pela cor negra do que pela branca.

Acrescentou:

— Portanto, tudo o que se tem dito por aí, não passa de especulação. Equipámo-nos de branco, apenas pela lei física que acabo de lhe invocar.

— E para a final...

— Logo antes do primeiro desafio contra o Sporting, ficara decidido que, se fôssemos à final, jogaríamos de negro, precisamente por ser um desafio «sui-generis», numa prova em que temos as nossas tradições muito especiais, podendo perder em significado, nós jogarmos de outra cor.

JORGE SCHNITZER

A PRELECÇÃO DO «MISTER» — No relvado do Calhabé, os jogadores da Académica escutam os conselhos do seu treinador Francisco Andrade, horas antes da grande final do Jamor

ARTE MODERNA — São profundamente estéticas as figuras que os jogadores do Benfica constituíram no treino de ontem, no Estádio da Luz. Imagens que sugerem conjuntos arquitectónicos, fisionomias que falam da beleza e virtudes do desporto. Desde o gesto de equilíbrio que, elegantemente, José Augusto desenha até à ponte, que se pode observar na extrema-direita da gravura as fotografias são espectáculo e falam de movimento

O BENFICA e a final

UM RAPAZ E A «TAÇA»

FIM-DE-SEMANA MARAVILHOSO

— anseio de SIMÕES, que tem uma fé extraordinária nas duas «vitórias»

Pois a verdade é que o Benfica desde há uns tempos a esta parte tem andado afastado das finais da Taça de Portugal. Ele que detém os «records» de presenças e de vitórias já estava desabituado de andanças do género. E a final da «Taça», sejam quais forem os intervenientes, rodeia-se sempre de um ambiente extraordinário em que todos gostam de estar presentes. A última vez que o Benfica esteve no Jamor, na final da «Taça», foi há quatro épocas e... perdeu. O adversário chamava-se Vitória de Setúbal e não poupou o Benfica — 3-1, com um golo de Jaime Graça, «capitão» setubalense.

Pois o Benfica estará, amanhã, no Jamor para defrontar a Académica e na sua equipa estará o tal Jaime Graça, do agolinho especial».

— Foi uma rica partida que pregámos ao Benfica. Amanhã vai ser a mesma coisa. O resultado será de 3-1 para o Benfica. Que me perdoe a Académica mas o meu clube irá ganhar. Vou pregar outra «partida» agora aos de Coimbra. Embora nessa altura jogasse umas coisas, sabe, todos me davam a bola a mim; aqui é diferente, estou confiado em que sou capaz de voltar a jogar umas coisas... Preciso, apenas, duma oportunidade.

BEM INSTALADO — Exigências da preparação física ministrada por «seu» Otto provocou esta situação: Abel bem instalado sobre os ombros de um companheiro, que se chama Coentro Faria e é dos juniores

SIMÕES

Perto de nós, Simões e a sua filha mais velha. Um par delicioso. Um pai enlevado, uma filha adorável, bulíçosa, ladina e a quem todos os benfiquistas não negam um mimo.

Simões embora preocupado com a sua vida particular — a mulher está para ser mãe mais uma vez — está esperançado numa vitória na final de domingo.

— Seria um maravilhoso fim-de-semana. Se pai outra vez, desta feita espero e desejo um rapaz, e vencer a «Taça de Portugal». Era um fim-de-época em beleza!

Simões confessou-nos, posteriormente, que sua mulher é capaz de, hoje ou amanhã, dar entrada na clínica. Apesar de tudo ele espera que tudo corra da melhor forma.

E à despedida ainda nos afirmou:

— Já tenho duas filhas, gostaria imenso que viesse um rapaz. Já tinha um substituto...

ARTUR

Em 1951, o Benfica desforrou-se da final de 1939. Desse tempo, de 1951, apenas Artur se mantém no Benfica. Não como jogador, mas como técnico. Artur é o treinador dos juniores e juvenis. Diz-nos:

— Quando defrontei a Académica tudo decorreu dentro da normalidade. Foi uma final como todas as outras. E a Académica, tal como hoje, tinha uma rica equipa. Eu, por exemplo, marquei o extraordinário Bentes. Jogavam também o Capela, o Melo, o Azeredo e o Gil.

«Com o decorrer do jogo impu-

(Continua na 6.ª pág.)

AMANHÃ

SE HOUVER EMPATE...

Se a final de amanhã chegar ao fim dos noventa minutos com os equipos em igualdade, será o jogo interrompido durante cinco minutos e, depois, prolongado por trinta minutos, divididos em duas partes de quinze minutos cada qual, sem intervalo, mas com mudança de campo.

Se, ao fim deste prolongamento, o empate subsistir, será efectuado novo jogo, em data a designar pela F. P. F.

A PROPÓSITO DA FINAL DA «TAÇA»

FUTEBOL NO JAMOR

—«COMO É» A ORGANIZAÇÃO?

SILVA SANTOS, o «coordenador», permite-nos fazer a curiosa história

À semelhança do que acontece com todos os jogos, nacionais ou internacionais que se realizam no Jamor, esta final da «Taça» é organizada pela F. P. F., em colaboração com a Comissão Directiva do Estádio Nacional.

Uma vez mais, também, a F. P. F. escolheu como que um «centralizador» da acção que lhe cabe no assunto e, também à semelhança do que vem sendo hábito de há tempos a esta parte, tal escolha recaiu numa das mais conhecidas, conceituadas e preciosas figuras do futebol português: — Silva Santos, secretário-permanente da A. F. Lisboa, há já perto de 25 anos.

Procurámo-lo, para conhecermos tudo ou quase tudo do funcionamento da grande «máquina» que não pode deixar de ser a «montagem» de um espectáculo de tanta envergadura. E, com a sua costumada gentileza e com o seu muito saber e experiência, Silva Santos satisfez a nossa curiosidade — que seria igual, naturalmente, à curiosidade do leitor.

Ora vejamos o que ficámos a saber.

«Contrôle» oficial

E a Comissão Directiva do Estádio Nacional que se encarrega da confecção dos bilhetes, dentro dos moldes traçados pela F. P. F., no que diz respeito a características, preços, etc.

Emitidos os bilhetes, aquela Comissão carimba-os e, rigorosamente controlados, entrega-os à Federação.

No caso de um jogo entre dois clubes, como sucede amanhã, cada um dos contendores tem direito (mediante requisição) até 45 % dos bilhetes emitidos e os restantes 10 % destinam-se à Federação e à A. F. Lisboa, em partes iguais, ou seja, 5 % para cada qual.

Tratando-se de dois clubes de Lisboa e, especialmente, de dois grandes clubes, ambos chamam a si, em regra, todos os bilhetes que lhes pertencem. Nos outros casos, é normal os clubes requisitarem os bilhetes consoante o «andamento» da venda que promoverem.

Em qualquer dos casos, no entanto, os bilhetes que sobram têm de ser devolvidos, até ao Fim da tarde da véspera do jogo, à Federação — que os colocará, de novo, à venda, no dia do jogo, já nas bilheteiras do próprio Estádio.

Antes de que tal devolução se faça, os bilhetes estão à venda (neste caso concreto do jogo de amanhã) na F. P. F., na A. F. L., na Académica, no Benfica e na sucursal de «O Século».

Nos dois dias seguintes ao do jogo, fazem-se as contas, evidentemente, e, de duas, uma: — ou bilhetes ou dinheiro.

Outro pormenor curioso: — a Federação nada tem a ver com a Tribuna do Estádio. Essa, depende do Ministério da Educação Nacional e destina-se a convites especiais.

Polícia decide

Para o grande encontro de amanhã, as portas do Estádio Nacional serão abertas às 14 horas e, tal como é costume, aliás, em quaisquer outros jogos oficiais, é o Comando Geral da Polícia quem decide sobre o número de agentes de autoridade que irão em serviço para o Jamor.

Normalmente, são oitenta agentes da P. S. P. e outros tantos da G. N. R., mas, em jogos de grande importância e, portanto, de maior enchente, aqueles números são aumentados.

A Comissão Directiva do Estádio Nacional compete o pagamento dos porteiros e fiscais e dos agentes da autoridade — até àquele limite, isto é, oitenta agentes da P.S.P. e oitenta agentes da G. N. R.

Daqui para cima, tal encargo pertence à organização federativa.

Outros encargos

Ao contrário do que sucede nos jogos organizados pelos clubes, onde os encargos incidem sobre as lotações dos respectivos campos, os outros encargos, no Estádio Nacional, incidem sobre o número de bilhetes vendidos — exactamente, porque há um «contrôle» oficial, que não pode existir nas organizações dos clubes.

Assim, são também pagos pela organização federativa, como encargos oficiais: 5 % para aluguer do Estádio, 5 % de Imposto Único (Finanças), 3 % para o Socorro Social, 525$00 (verba fixa) para a Inspecção Geral dos Espectáculos e as contribuições à Câmara Municipal de Oeiras (em cuja área de jurisdição se encontra o Estádio Nacional).

O referido aluguer do Estádio tem um mínimo fixado: 35 ou 42 contos, consoante o jogo é considerado de primeira ou de segunda categoria. A final da «Taça» logicamente é de primeira categoria.

HONRA — Da história da «Taça». Uma final no Jamor, a presença honrosa do Almirante Américo Tomás, venerando Chefe do Estado, e, sempre em acção, Silva Santos, o dedicado «homem do futebol», que é com tanto brilho e eficiência, secretário-permanente da A. F. L.

Como encargos de organização, temos a propaganda (variável, como se compreenderá), o expediente e as despesas de organização, propriamente ditas, que são: 1$00 por bilhete, para o chamado Fundo de Deslocações; 3$0 por bilhete, para cobrir o custo da respectiva confecção, e 8 % da receita líquida (receita bruta, menos os encargos oficiais) para o Fundo de Arbitragem.

No final de cada época, a verba apurada neste Fundo de Arbitragem é entregue, pelo «Totobola», aos clubes, na proporção de que cada um deles contribuiu — sendo normal o Benfica e o Sporting, como primeiros contribintes, receberem mais de duzentos contos cada qual.

Este Fundo de Arbitragem destina-se, evidentemente, aos pagamentos aos árbitros e, normalmente, em cada época, tal encargo é de cerca de três mil contos.

Deduzidos todos os encargos mencionados, apura-se, claro está, a receita líquida, que tem o seguinte destino: trinta por cento para a Federação, dez por cento para o Fundo de Prejuízo e trinta por cento para cada um dos contendores — tanto quanto para a Federação, afinal, o que é quase inacreditável!

CRUZ DOS SANTOS

FUTEBOL e seu pitoresco

«EU NEM POSSO VER OS ESTUDANTES...»

POR CARLOS PINHÃO

Faz precisamente trinta anos na próxima quarta-feira, dia 25.

À tarde, em Belém, a Académica bateu o Benfica e conquistou, sensacionalmente, a «Taça de Portugal».

À noite, em Algés, na piscina, houve uma «Noite Azul», organizada, salvo erro, pelo jornal «O Século», com um programa misto de desporto e variedades.

Lembro-me bem: — umas vezes, apagavam-se as luzes do recinto; outras vezes, acendiam-se para tirar, assim, maiores efeitos espectaculares — e o público divertia-se com essas variantes luminosas.

De cada vez que as luzes se acendiam, havia sempre uns engraçadinhos que gritavam:

— Apaga a luz!

— Se as luzes se apagavam, ou tros (ou os mesmos) gritavam, por seu turno:

— Acende a luz!

E, de uma maneira ou de outra, era já um clamor enorme de acende e apaga, apaga e acende, com o público entusiasmado por ter descoberto uma distracção suplementar e os organizadores confundidos com aquele imprevisto do programa.

Até que, a certa altura, subiram ao estrado, para uns fadinhos de Coimbra, o cantador e os acompanhantes, todos com as suas capas negras de estudantes e, então, da bancada, um benfiquista, que ainda não tinha digerido os quatro golos da Académica, não se conteve e desabafou:

— Apaga a luz que eu nem posso ver os estudantes!...

●

... Mas o treinador é que continua a ser o nosso maior fornecedor de pitorescos do futebol.

Dizem-nos que «esta», mais coisa, menos coisa, é autêntica... Um dia, o presidente da Direcção de prestimosa colectividade chamou à sede o veterano extremo-esquerdo do clube; depois, chamou-o ao gabinete...

... E veio o diálogo:

— «Seu» presidente, dá licença?

— Entra, Chico, entra...

— Então, «seu» presidente, que é que me quer?

— Olha, Chico, vou-te falar com toda a franqueza. Tu desculpa, mas...

— Diga, diga, «seu» presidente. Esteja à sua vontade...

— A verdade é esta... Tu já não acertas na borracha... Se alguém marcasse os golos que tu falhas todos os domingos, já éramos campeões do Mundo há uma data de tempo...

— Realmente, já estou um bocado nas lonas e digo-lhe mais... Só queria ver se me aguentava a jogar até ao fim da época para poder fazer a festa de homenagem e juntar umas massas...

— Ora aí é que está, Chico!... Se continuas assim a falhar golos até ao fim da época, não tens ninguém na festa... Os sócios não querem nem falar de ti... Perdes todo o prestígio...

— Realmente...

— Ora ainda bem que estás de acordo comigo é, agora, já estou mais à vontade para te dizer qual é a minha ideia...

— Diga, diga, «seu» presidente...

— Ora bem... Eu acho que tu devias deixar de jogar, a gente despedia o treinador e tu ficavas como treinador, até ao fim da época. Deixavas de falhar golos e...

— E passava a receber umas massas bravas...

— Isso, agora, mais devagar... Que é que tu ganhavas em a gente te fixar um ordenado bestial, se, depois, chegávamos ao fim do mês e não tínhamos dinheiro para te pagar... A gente não pagava ao outro treinador que era estrangeiro e tinha diploma e tinha contrato e íamos pagar-te a ti, não?... A ti, que és cá do sítio!... Portanto, a nossa ideia é a de que passasses a treinador, mas obsequioso... Se fosses pago, também não recebias à mesma e, assim, sempre ficas bem visto junto da massa associativa e, no fim da época, já tens ambiente para fazeres a festa de benefício...

— Mas...

— A gente até te pode fazer um contrato igual ao do Otto Glória, por exemplo... Não é para pagar...

— Vendo bem as coisas...

— Aceitas o nosso convite?

— O «seu» presidente explica-se tão bem...

— Podemos contar contigo?

— Que remédio!...

— Eu sempre disse que dedicado como tu não havia outro...

INFORMA A F. P. F.

A FINAL DA «TAÇA» não será transmitida pela «TV»

Da F. P. F., recebemos o seguinte comunicado oficial:

Para conhecimento geral, informa-se que o jogo da Final da «TAÇA DE PORTUGAL», que se realiza no próximo domingo, no Estádio Nacional, entre as equipas do Sport Lisboa e Benfica e da Associação Académica de Coimbra, não será transmitido, em directo, pela Televisão, contrariamente a boatos e notícias que têm circulado nos últimos dias.

OS MARCADORES DA «TAÇA»

«RECORD» DE ROGÉRIO NINGUÉM O BATE TÃO CEDO

Nas 28 finais anteriores, marcaram-se 115 golos, o que dá a média de quatro golos por desafio.

Desses 115 golos, o Benfica tem quase metade do total (52), ficando os outros 63 golos para as outras treze equipas finalistas.

Eis a distribuição por marcadores:

BENFICA, 52 — Rogério, 15; Arsénio, 7; Julinho, 4; Águas, 3; Cavém, 3; Eusébio, 3; Rogério de Sousa, 2; Corena, 2; José Augusto, 2; Alex. Brito, 1; F. Rodrigues, Espírito Santo, Valadas, Manuel da Costa, Armindo (V. Setúbal), Salvador, Coluna, Simões, Serafim e Torres.

SPORTING, 25 — Peyroteo, 5; João Cruz, 3; Albano, 3; Rola, 2; F. Mendonça, 2; Martins, 2; Figueiredo, 2; Jesus Correia, Sidónio, Vasques, Diego, Lúcio e Mascarenhas.

V. SETÚBAL, 10 — Soares, 2; José Maria, 2; Guerreiro, 2; Amador, Jaime Graça, Armando e Jacinto João.

F. C. PORTO, 7 — Hernâni, 3; Pinto, Baptista, Valdemar e Nóbrega.

BELENENSES, 7 — Gilberto, 2; Rafael, Quaresma, Teixeira da Silva, Carvalho e Matateu.

ACADEMICA, 7 — Arnaldo Carneiro, 2; Manuel da Costa, Alberto Gomes, Macedo, Celestino e Ernesto.

ATLÉTICO, 3 — Manuel da Costa, Marques e Martinho.

LEIXÕES, 2 — Osvaldo Silva e Oliveira.

SP. COVILHÃ, 1 — Fernando Pires.

SP. BRAGA, 1 — Perrichon.

O quadro de honra está assim preenchido:

Rogério (Benfica)	15
Arsénio (Benfica)	7
Peyroteo (Sporting)	5
Julinho (Benfica)	4

COM 3 GOLOS — Águas, Cavém e Eusébio (Benfica), João Cruz e Albano (Sporting), Hernâni (F. C. Porto) e Manuel da Costa (Académica, Benfica e Atlético).

Destes jogadores, só Eusébio, continua em actividade, pelo que o «record» de Rogério Lantres de Carvalho vai durar ainda muito tempo, com certeza.

As «vítimas» dos quinze golos de Rogério foram o Estoril (5), Vitória de Setúbal (1), Académica (4), Atlético (1), Sporting (3) e F. C. Porto (1).

Rogério é, ainda, recordista (5) e vice-recordista (4) do maior número de golos numa final.

«PALMARÉS» DA TAÇA

EM 29 FINAIS

16 PRESENÇAS DO BENFICA

A final de amanhã é a vigésima-nona e, nas vinte e oito finais anteriores, verificaram-se os seguintes resultados:

1938-39 — Salésias — ACADEMICA-Benfica	4-3
1939-40 — Lumiar — BENFICA-Belenenses	3-1
1940-41 — Salésias — SPORTING-Belenenses	4-1
1941-42 — Lumiar — BELENENSES-V. Guimarães	2-0
1942-43 — Salésias — BENFICA-V. Setúbal	5-1
1943-44 — Salésias — BENFICA-Estoril	8-0
1944-45 — Salésias — SPORTING-Olhanense	1-0
1945-46 — Jamor — SPORTING-Atlético	4-2
1947-48 — Jamor — SPORTING-Belenenses	3-1
1948-49 — Jamor — BENFICA-Atlético	2-1
1950-51 — Jamor — BENFICA-Académica	5-1
1951-52 — Jamor — BENFICA-Sporting	5-4
1952-53 — Jamor — BENFICA-F. C. Porto	5-0
1953-54 — Jamor — SPORTING-V. Setúbal	3-2
1954-55 — Jamor — BENFICA-Sporting	2-1
1955-56 — Jamor — F. C. PORTO-Torriense	2-0
1956-57 — Jamor — BENFICA-Sp. Covilhã	3-1
1957-58 — Jamor — F. C. PORTO-Benfica	1-0
1958-59 — Jamor — BENFICA-F. C. Porto	1-0
1959-60 — Jamor — BELENENSES-Sporting	2-1
1960-61 — Antas — LEIXÕES-F. C. Porto	2-0
1961-62 — Jamor — BENFICA-V. Setúbal	3-0
1962-63 — Jamor — SPORTING-V. Guimarães	4-0
1963-64 — Jamor — BENFICA-F. C. Porto	6-2
1964-65 — Jamor — V. SETÚBAL-Benfica	3-1
1965-66 — Jamor — SP. BRAGA-V. Setúbal	1-0
1966-67 — Jamor — V. SETÚBAL-Académica	3-2
1967-68 — Jamor — F. C. PORTO-V. Setúbal	2-1

Verifica-se, assim, que catorze clubes já chegaram à final da «Taça», onde registam o seguinte «palmarés»:

	J.	V.	D.	G.
Benfica	15	12	3	52-20
Sporting	9	6	3	25-15
F. C. Porto	7	3	4	7-15
V. Setúbal	7	2	5	10-17
Belenenses	5	2	3	7-11
Académica	3	1	2	7-11
Atlético	2	—	2	3- 6
V. Guimarães	2	—	2	0- 6
Leixões	1	1	—	2- 0
Sp. Braga	1	1	—	1- 0
Olhanense	1	—	1	0- 1
Sp. Covilhã	1	—	1	1- 3
Torriense	1	—	1	0- 2
Estoril Praia	1	—	1	0- 8

O Benfica, apesar da sua ausência nas três últimas finais, continua a ter parte de leão, somando amanhã, na 29.ª final, a sua 16.ª presença. Nas 12 vitórias, bateu Belenenses, V. Setúbal (2), Estoril, Atlético, Académica, Sporting (2), F. C. Porto (3) e Sp. Covilhã. Perdeu com Académica, F. C. Porto e V. Setúbal.

A Académica terá, amanhã, a sua quarta presença. Tem uma vitória (Benfica) e duas derrotas (Benfica e V. Setúbal).

NÚMEROS E NOMES PRETOS E ENCARNADOS

13 * GOLOS * 13

NAS DUAS FINAIS ANTERIORES

BENFICA 8
ACADÉMICA ... 5

Esta prova assim de «roda-bota-fora», como diz a rapaziada da rua (pelo menos, a rapaziada da minha rua) data de 1921-22, calcule se!...

As primeiras provas oficiais do nosso futebol foram os Campeonatos Regionais e surgiu, como cúpula, um Campeonato de Portugal, entre os campeões regionais, a eliminar, de uma maneira ou de outra, até se chegar a uma final.

Primeira final: em 18 de Junho de 1922, no campo do Bessa, no Porto, após prolongamento: F. C. Porto, 3-Sporting, 1.

A Académica chegou a estas finais sete anos antes do Benfica... Em 1922-23, Sporting, 3-Académica, 0.

Só em 1926-30 o Benfica se estreou como finalista do Campeonato de Portugal, vencendo o Barreirense por 3-1. No ano seguinte, nova presença e novo triunfo benfiquista: 5-0 ao F. C. Porto, em Coimbra, na campo do Arnado.

Enquanto a prova se chamou Campeonato de Portugal, não mais a Académica chegou à final, enquanto o Benfica foi a duas, ambas com o Sporting para ganhar uma (2-1 em 34-35) e perder outra (1-3 em 37-38).

Em 1938-39, a prova a eliminar passou a chamar se «Taça de Portugal» e a sensacional final Benfica-Académica ajudou a lançar a prova com este seu novo rótulo bem mais acertado e mais dentro das realidades.

Entretanto, também o Campeonato da Primeira Liga passava a chamar-se Campeonato Nacional da Primeira Divisão e o primeiro assim designado foi ganho por um famoso F. C. Porto, que a confirmar o título, mimoseou o Benfica com 6-1, para a «Taça».

Sensação por sensação, o Benfica respondeu com 6-0 em Lisboa e el-lo, favoritíssimo, na final, mas a qualificação da Académica também já constituiu um bom aviso: 0-2 em Alvalade e 5-2 em Coimbra.

A final disputou-se em Lisboa, no dia 25 de Junho de 1939, mas Salésias, mas nem se pode dizer que a Académica tenha jogado verdadeiramente fora de casa, não só porque trouxe uma falange numerosa, ruidosa, pitoresca, típica, irreverente, mas também porque pôde contar naturalmente, com o caloroso apoio de todos os não-benfiquistas da capital e arredores.

Criou-se, assim, para esta final, um ambiente seu-generis de festa do futebol (com os benfiquistas já a antegozarem a «Taça» que iria enriquecer mais o seu «palmarés» extraordinário)... e de festa escolar, porque, para os estudantes de Coimbra, já era uma festa em cheio a vinda a Lisboa... para meter um susto ao famoso Benfica.

...Por mais que eles cantassem, depois, que a malta ganhava a Taça já toda a gente sabia», a verdade é que ninguém se atrevia, antes, a negar o favoritismo do Benfica... E tenão assim que o primeiro golo do Benfica não surpreendeu ninguém, não fez mossa a ninguém.

...Mas, ao intervalo, já havia 1-1. Arbitro — António Palhinhas, de Setúbal.

Os finalistas:

ACADÉMICA — Tibério; José Maria Antunes e César Machado; Portugal, Carlos Silva e Octaviano; Manuel da Costa, Alberto Gomes, Arnaldo Carneiro, António Conceição «Ninh» e Bernardo Pimenta.

BENFICA — António Martins;

(Continua na 6.ª pág.)

PATRIMÓNIO NO RELVADO — Taças valiosas, daquelas que todos os clubes gostariam de possuir no maior número possível, para deliciar os adeptos e fazer inveja aos adversários. Pois aí estão oito «Nacionais» e duas «Europeias», uma delas nas mãos de Eusébio, que conversa familiarmente com Otto Glória, enquanto Coluna e Torres revivem momentos de glória

TITUS
BOM COMO SEMPRE
MELHOR QUE NUNCA!

A FINAL DA «TAÇA»

(Continuação da 1.ª pág.)

final», algo que irradiou da Terra-Mãe do jogo, há quase cem anos (a primeira final da Taça de Inglaterra disputou-se, em 1872, no famoso Kennington Oval), para constituir, agora, a razão do «clima emocional» de um domingo diferente — o já velho domingo da final, consagrado em todos os países onde o futebol atingiu uma atmosfera de paixão popular que muitos despeitados ou pseudo-despeitados confundem — e às vezes até há razões para isso... — com uma morfinomania colectiva de difícil e penoso tratamento...

Quis o Destino que, nisto do futebol, é leviano e escorregadio como uma bolinha de couro novo, daquelas, amarelinhas, ainda a cheirar aos vernizes da fábrica, que a final de 1969 reunisse as mesmas equipas da final de há trinta anos, o que é o mesmo que «embrulhar» em sonho e em lenda o grande jogo de amanhã, a disputar entre duas das mais valiosas, históricas, categorizadas, consagradas, queridas e prestigiadas colectividades portuguesas — a Associação Académica de Coimbra, com toda a mística e toda a irreverência típicas do velho estudante, algo que nem o tempo nem a distância destroem, do Alasca à Antártida e de Portugal à Polinésia, e o Sport Lisboa e Benfica, com todo o seu «cheiro a povo» e todo o entusiasmo de uma «clã» imensa que, fiel à velha «alma portuguesa», transforma em labareda qualquer pedaço de pano vermelho...

Parece que, ainda antes de se pensar o que pode ser «aquilo» lá dentro, para além das quatro linhas de um dos melhores relvados do mundo, há que festejar, quase diríamos abençoar a oportunidade de viver entre a solene cartola coimbrã e o típico bonèzinho lisboeta (a pedir o ar gingão e afadistado de um alfacinha da gema...) mais uma grande, mais uma inimitável, mais uma inconfundível, «Festa Popular da Bola».

●

NÃO quer o crítico, naturalmente, até por decoro, cair nos acacianos lugares-comuns que, na esferográfica de um senhor de La Palisse, de um Calino ou de um Amigo Banana, o levariam a escrever os velhos «chavões» de que uma final é um jogo diferente de todos os jogos ou que numa final tudo pode acontecer, para, como diremos, traçar a perspectiva ou a previsão de um desafio de futebol que, implantado embora numa ambiência especial não deixa de ser isso mesmo — um desafio de futebol.

Mas, fora de uma «atmosfera horoscópica», com signos e astros, ou, muito menos, sem a ênfase espírita dos «frequentadores» das mesas de pé de galo, pode realmente o habitual cronista de futebol encontrar neste Académica-Benfica alguns motivos para estudo e meditação, o que não equivale, claro está, a encontrar o valor do X de uma «equação futebolística» de solução única, infalível e certa.

Há, realmente, nas duas equipas um valor permanente tão alicerçado, tão definido e, principalmente, tão, como dizer, tipificado, que se pode ter como muito provável, já não dizemos certo rendimento (isso é o instável ou volúvel do futebol), mas determinado estilo de produção de jogo, capaz de caracterizar a final, dando-lhe um «tom» dominante, mais ou menos obrigatório, para não dizermos... certezíssimo.

Ora esse «tom» será, naturalmente um «tom técnico», quer dizer, teremos, na final de amanhã, no Jamor (4.ª para a Académica e 16.ª para o Benfica), um desafio de futebol marcado de habilidade e de destreza, em vez de um jogo que, em última análise, constitua um despique de força e de poder, ao mais acabado estilo do «futebol-atletismo», de raiz anglo-saxónica.

Essa como que garantia torna, naturalmente, aliciante esta estupenda final de 1969. Porquê? Por que nós só «ligamos» à técnica, menosprezando, ostensiva e deliberadamente, o que de atlético há no futebol — e há, como se sabe, cada vez mais?

De maneira nenhuma! Pensámos, pensamos e continuaremos a pensar que a técnica é que faz e qualifica o jogo, o classifica de bonito ou feio, de bom ou mau, de sedutor ou de arrepiante. Mas sabemos bem que dar o primado à técnica, «aquilo» que faz a glória do futebol e dos futebolistas, não implica, necessàriamente, a abdicação de todos os seus outros aspectos e estruturas, nalguns casos infra-estruturas como será, indiscutìvelmente, uma capacidade físico-atética de base, sobre a qual se implanta toda a habilidade e toda a destreza do jogador.

Cremos ter dito tudo sobre este problema quando, aqui há uma meia dúzia de anos, proclamámos que o segredo do futebol português, e, inclusive, a razão de alguns dos seus mais inesquecíveis êxitos estava na nossa capacidade, diríamos «rácica» (sabemos o que a definição tem de perigoso, de anti-canónico, de anti-erudito e até de anti-verdadeiro...) de METER A TÉCNICA DENTRO DA VELOCIDADE.

●

...POIS, tanto a Académica como o Benfica, cada dentro do seu estilo, cada uma dentro do seu «clima próprio», cada uma dentro da sua «dimensão», são equipas capazes — já o demonstraram, exuberantemente, nos últimos anos — de alcançarem este «desiderato português», que é, afinal, a conciliação da habilidade e da destreza técnica do nosso praticante com a sua vivacidade, quer dizer, com alguma coisa de «nervoso» que há nos futebolistas nacionais, mesmo quando não têm a força, o vigor, a capacidade físico-atlética, a «saúde» que, por via laboratorial, os atletas de outros países e latitudes exibem exuberantemente, às vezes de uma forma que nos abala e empequenece, na hora dos grandes despiques internacionais, quando o futebol chega a ter qualquer coisa de luta de tracção à corda...

Pensando que não estando perante um problema de opção, o futebol português só tem a perder se se descaracterizar, deixando de fazer da habilidade e da destreza técnica as suas virtudes predominantes — o que não invalida a necessidade de arranjar maneira que essas qualidades se expressarem ou, o que é o mesmo, de se conseguir a infra-estrutura de uma capacidade físico-atlética mínima, sem a qual a técnica não é o escopo do jogo mas apenas, muito lamentàvelmente, uma super-estrutura — temos todas as razões para pensar que uma final Académica-Benfica pode, afinal, definir ou marcar o rumo do nosso futebol.

Como? Impondo a duas equipas que têm inegável capacidade técnica e, mais do que isso, um estilo consolidado e permanente, digamos, um «afã competitivo», no sentido da conquista da vitória, e, com ele, a tal necessidade de METER A TÉCNICA DENTRO DA VELOCIDADE.

●

É evidente que o Benfica é mais equipa — uma equipa mais experiente, mais sabida, mais cosmopolita, mais realizada, mais profissional, mais... quase tudo.

Por muitas oscilações que o conjunto «encarnado» tenha tido esta época, a todos os níveis, desde o plano europeu ao plano nacional, com um campeonato «enredado» e esquisito, e uma «Taça» marcada de hesitações e de falta de regularidade (o Belenenses pôs em perigo a sua qualificação para a final, mesmo no Estádio da Luz), a verdade é que ele continua a ser, em potência, o melhor conjunto do futebol nacional.

«Sabe» mais do que os outros; tem os melhores jogadores ou, pelo menos, os melhores jogadores nas posições fundamentais; tem Eusébio, factor desequilibrante só por si; enfim tem tanta coisa que às vezes chega a parecer que o Benfica orienta ou administra os seus «negócios» nas provas, consoante as necessidades, não gastando, por exemplo, vinte litros de suor se, só com dez, consegue o que deseja e o seu nome impõe.

Iríamos mesmo mais longe adiantando que pode estar aí, na diferença entre o hábito de uma certa displicência interna e a imperiosa necessidade de grandes superações na hora das grandes competições europeias — uma exigência que transcende a rotina da equipa e não se alcança e cumpre só porque se quer, mas apenas se se está, real e efectivamente, preparado para isso — a razão que explica, ao mesmo tempo, a manutenção da hegemonia nacional e a degradação da fama e do poder da equipa na esfera internacional, em que o Benfica, continuando a ser respeitado é, terrìvelmente, menos temido...

Considerando tudo isto — e isto mais do que a força da tradição de uma equipa que já foi quinze vezes à final da «Taça», ganhando nada menos do que doze, com 52 golos marcados e 20 golos sofridos — parece lógico atribuir certo favoritismo à equipa «encarnada», assim a modos que um conjunto que, no ambiente indígena, ganha quando quer — e há-de querer, naturalmente, ganhar agora uma final da «Taça»...

Mas, a Académica...

Pois é. A Académica, muito menos pela sua tradicional irreverência, feita daquele «descaramento arrapazado» que impõe os estudantes e os faz sempre temer, do que pela realidade e permanência da sua potencialidade futebolística que é, de facto, qualquer coisa de muito sério no ambiente do «association» nacional, não é adversário que se menospreze e muito menos que se manobre, segundo a soberana vontade de quem quer que seja — mesmo de um super-consagrado e super-experiente Benfica.

Com um futebol pegado de estaca, quer dizer, com um padrão ou porta-enxerto que consente a aplicação de qualquer garfo (os nomes ou o valor facial de certos jogadores não contam, de tão sedimentado que está o estilo do jogo do conjunto), a Académica é uma equipa «complicada» e difícil que, como dizíamos há dias nestas colunas, não se bate só com suor, mas também com cabeça.

Sabendo embora que o Benfica pode usar as duas coisas — e costuma, habitualmente, usá-las, com êxito, contra a Académica — não podemos deixar de admitir a hipótese de a equipa escolar conseguir dar ao jogo o jeito que a conduza à vitória.

Qual?

●

A nosso ver as «chances» da equipa de Coimbra dependem de:

1) eficiência da sua defesa perante os «sabidões» atacantes do Benfica e em especial perante um Eusébio, já não dizemos «ressuscitado» (ele nunca esteve morto...), mas de novo sedento, assim a modos que «selvàticamente» como nos seus melhores tempos, de golos, muitos golos;

2) capacidade de «contrôle» das operações a meio-campo, menos em «qualidade» de jogo (aí a Académica pode meças aos melhores), do que em «ritmo» de jogo, que os estudantes não estarão nada interessados em ver transformado numa «ventania» dos diabos;

3) rendimento de um contra-ataque feito assim a modos que «aos esticões» (Nene), com surpresa e «veneno» (Peres) e, principalmente, poder na ponta final (Manuel António).

Se a equipa estudantil, agora conduzida pelo sereno Francisco Andrade, técnico de uma modéstia exemplar que até tem procurado esconder certos «toques» e «desarrincanços» de iniciativa pessoal que, sem, claro está, transformarem o tradicional futebol da Académica, o tornaram, digamos, mais «apimentado» na passagem da defesa para o ataque, conseguir realizar estas três difíceis tarefas, o favoritismo do Benfica pode levar uma grande e decisiva machadada.

A equipa de Coimbra não é, na actualidade, só a turma vibrátil, capaz de tudo, no sentido, digamos, emocional, do jogo, mas, muito mais importante do que isso, uma equipa futebolìsticamente capaz, isto é, um conjunto que garante a produção idónea de certa «quantidade» e, principalmente, de certa «qualidade» de futebol.

E, se alguém a deixa produzir esse futebol, bom dia, meus senhores, estamos conversados — a Académica aparece dentro da capoeira do próximo, sem se saber bem como, e, adeus criação...

— Vim matar saudades do futebol da Académica. E regresso a Lisboa com a grande satisfação de ver que a criação de Cândido de Oliveira continua a vingar e a produzir os seus efeitos no futebol português. Parabéns ao meu continuador. E parabéns pelo Cândido de Oliveira. Obrigado, Andrade.

Estas palavras foram pronunciadas, no último domingo, em Coimbra, pelo sagaz e arguto Mário Wilson, depois do jogo com o Sporting — um jogo que apenas «reforçou» a presença da Académica no relvado de honra do Jamor e na «Festa Grande» da final da «Taça».

Pois é esse «futebol criação de Cândido de Oliveira» que vai abrilhantar, com certeza, a 29.ª final da Taça de Portugal, transformando o despique com o Benfica num jogo aliciante e bonito, como tanto é do gosto e da idiossincrasia do espectador português.

E se, por acaso, a Académica conquistasse a vitória — um «acaso» que se pode «orçar» em 40 por cento de possibilidades em relação aos 60 por cento do Benfica — temos a certeza de que haveria alguém em Coimbra capaz de se lembrar que esse triunfo havia sido conseguido na véspera da data do 11.º aniversário da morte do Mestre — do Mestre inesquecível que vive na saudade de todos nós, os que o conhecemos e os que entranhadamente amamos o futebol português!...

VÍTOR SANTOS

OS FINALISTAS

As equipas finalistas devem apresentar, de início, as seguintes formações:

ACADÉMICA — Viegas; Gervásio, Belo, Vieira Nunes e Marques; Rui Rodrigues e Néne; Mário Campos, Manuel António, Peres e Vítor Campos.

BENFICA — José Henrique; Malta da Silva, Humberto Coelho, Zeca e Adolfo; Toni e Coluna; Jaime Graça, Abel, Eusébio e Simões.

DO BELENENSES

(Continuação da 3.ª pág.)

que o anteriormente previsto) válido por três temporadas, com direito de opção.

Continuam, no entanto, as negociações, a nível directivo com o F. C. Porto, para a transferência do atacante Djalma, em completo acordo com o clube de Belém.

Ida a Angola

Conhece-se o programa definitivo da deslocação a Angola, com partida em 27 de Julho e regresso a 22 do mês seguinte.

Jogos programados: Lobito, 27; 31 Nova Lisboa; Gabela, 3 de Agosto; Luanda, em 6; Moçâmedes, a 10; Sá da Bandeira, em 15 e 16; e finalmente, novo encontro em Luanda no dia 21.

Um «craque»?

Mantém-se as conversações com um jogador português de grande nomeada, tendo havido concordância com o Belenenses quanto às cláusulas financeiras do seu futuro contrato. A Junta Directiva e a Comissão de Recrutamento esperam, apenas, a resolução de certos pormenores, mas se tudo tiver um desfecho positivo não restarão dúvidas que os «azuis» reforçarão imenso o seu «plantel» de futebolistas.

● O madeirense Fernando aceitou as condições para um contrato por três épocas, já assinado.

● Muito difícil a ida de Gomes para o Vitória de Setúbal porquanto os dirigentes sadinos entendem que estão bem servidos de guarda-redes, tanto mais que a transferência poderia custar muito dinheiro. Continuam as negociações, não encerradas.

● Da parte dos directores «azuis» soubemos que há propostas e contrapropostas para a aquisição de Tito e João Carlos, mas o Atlético tem várias ofertas e naturalmente não se mostra disposto a uma transferência rápida.

● Serrano, Assis e Quaresma vão ser chamados para definirem a sua posição contratual, porque estão na «agenda» de Mário Wilson para a nova temporada.

● Ingressou no clube e assinou um contrato, um jovem jogador pertencente a uma colectividade nortenha.

● Para o jogo com o Atlético foram avisados: Conde, Neff, Cetário, Mateus, Silva, Montão, João Pereira, Adelino, Dorado, Carlos Serafim, Carlos Alberto e Álvaro.

● O jogador Estêvão que acaba o seu contrato com o Braga, manifestou o desejo de regressar ao Belenenses, onde iniciou a sua actividade futebolística, como júnior.

AQUISIÇÃO DE VULTO

ARTUR JORGE
PARECE CERTO NO BENFICA

De fonte que nos merece toda a aceitação, fomos informados de que a transferência do jogador Artur Jorge, da Académica, para o Benfica, se encontra pràticamente solucionada.

Artur Jorge foi já submetido a exame médico, no mesmo dia em que Fonseca também foi inspeccionado, tendo ficado ambos aprovados.

Portanto, mais algumas horas e Artur Jorge será novo recruta dos benfiquistas, como tudo parece indicar.

Condições: mil contos por três épocas.

Ao que também julgamos saber, a actual Direcção dos «encarnados» conseguiu um abatimento de seiscentos contos neste contrato, pois era de mil e seiscentos contos o acordo estabelecido, em princípio, com o jogador, pela anterior Direcção, tal como em devido tempo noticiámos.

Artur Jorge Braga de Melo Teixeira, de seu nome completo, é natural do Porto (freguesia da Sé) e completou 23 anos de idade em 13 de Fevereiro último.

DOCUMENTÁRIO

(Continuação da 1.ª pág.)

mão». Errónea ou apressada teoria! Leviano supor!

O Milão demonstrou, em hora idónea, o que atrás insinuo.

Ora acontece que, amanhã, no Estádio do Jamor, o diálogo será diferente. De estilo apenas.

Qualquer das equipas que vão discutir o triunfo, a conquista da «Taça de Portugal» reconhece a valia do «músculo e dos pulmões», mas como suporte da técnica. Nesse ponto, pode garantir-se que falam a mesma linguagem. A linguagem da técnica,— insisto.

Num aspecto diferem, no entanto. Na sintaxe que se construíram ou adequaram, como que a sugerir imagens distintas do mesmo objecto. Imagens, como quem diz tratamentos estilísticos.

A ciência dessa variabilidade dos processos técnicos é como que o centro de luz e calor do interesse que o desafio supremo acende e aquece em todos os apaixonados do futebol.

A disciplina real que o Benfica, se autêntico, impõe ao seu jogo, e a espontaneidade aparente da Académica prometem conversa eloquente e brilhante.

Disciplina real — porque resulta de um longo e fecundo convívio.

Espontaneidade aparente — visto que, muitas vezes, o que se nos antolha improvisação não é mais que rapidez na transição do pensamento para o acto.

Jogo promissor. Uma boa vintena de executantes perfeitos, ao serviço de duas ideias; a maturidade experimentada de um lado e a audácia jovem do outro.

Valerá a pena a viagem até à Cruz Quebrada.

INDÍCIOS E PRESENÇA

Todos nós vimos com prazer a presença do Desporto nesse jovem, irreverente sadio programa televisivo designado pelo nome de baptismo de Zip-Zip. Um programa que, com as suas concessões que só não compreenderá quem não quiser compreender coisa nenhuma, é uma afirmação de cálida ternura humana. À sobreposse, para não me afastar muito, bonda ver aquele público jovem rindo abertamente dos ingredientes cómicos, às vezes, quase revisteiros para logo se prender aos gestos e às sínteses geniais de um Almada, ou aplaudir de pé um Bechi, numa ovação mais espontânea e autêntica do que muitas que o cantor que foi insuperável barítono terá escutado, nos famosos palcos do Mundo onde interpretou óperas célebres.

Desta feia, na última segunda-feira, Zip-Zip trouxe uma saudade do futebol antigo, em jeito daquelas melodias de sempre que Jorge Alves apresenta. Não se disse muita coisa, até porque não se permitiu o autêntico diálogo de Vítor Silva (ídolo dos meus tempos de menino) com o José Augusto, jogador do presente, considerado, há poucos anos na estranja o melhor «ponta-direita» da Europa. Disse-se pouca coisa; subentendeu-se um mundo de ideias.

Não terá sido de somenos, entre todas essas ideias, a de que não há comparação possível entre a época de Vítor Silva, o olímpico, e esta em que vivemos.

Apesar de tudo a presença do Desporto, através do Futebol, no mais recente Zip-Zip, justificou-se.

O GOSTO DE TER RAZÃO

Ninguém duvidava da capacidade potencial do recente ciclista Joaquim Agostinho.

Neste lugar, incitei o moço a abrir as asas e voar para as grandes estradas da estranja. No entanto, fiquei contente, quando soube que Agostinho não estaria na «Volta à Suíça», antes se encaminhando para o Luxemburgo, onde a corrida, pela extensão e qualidade dos atletas, seria mais fácil.

Se é certo que o rapaz possui força para qualquer das provas, não parece menos verdade que vários elementos o hostilizavam: a falta de hábito destas competições, ao alto nível; o desconhecimento total das línguas que os outros falam; a ausência de conselheiro interessado; a míngua de uma equipa que realmente trabalhasse com ele. E para ele.

Viu-se a importância destes ingredientes. Mercê da excepcional «força» que possui pôde o moço vestir a camisola amarela; por ignorar o «resto», foi obrigado a despi-la.

Tudo natural. Como natural deve considerar-se o triunfo claro, na última etapa, no sistema de contra-relógio, em que cada atleta depende, em grande parte, de si próprio.

Em grande parte, — escrevi. Não na totalidade, uma vez que, até neste género de provas, são indispensáveis os apoios técnicos dos conselheiros verdadeiramente interessados em planear «andamentos» em «medir» avanços e atrasos em relação aos adversários.

Esta presença de Joaquim Agostinho, no Luxemburgo constituiu uma abertura franca para o Futuro. Compete-nos, agora, colher-lhe os frutos e aproveitar-lhe a lição implícita.

Para já, impõe-se que se faça tudo o que é necessário em ordem a enviar o ciclista à «Volta a França», a que melhor define um valor. E que se lhe acrescente o que faltou agora, isto é, o apoio do conselheiro técnico idóneo, o auxílio do «língua» indispensável quiçá a protecção de um médico e de um massagista.

Ia a escrever mais alguma coisa quase a levantar os pés do chão esquecendo as realidades. Pensei num psicólogo que lá ambicioso sou eu.

Mas os outros todos os outros que mencionei podem constituir o amparo moral indispensável para que o moço Joaquim Agostinho seja ele mesmo. Um homem com asas, ainda que metafóricas.

JOSÉ OLÍMPIO

O BENFICA E A FINAL

(Continuação da 5.ª pág.)

João Correia e Gustavo Teixeira; semo-nos e ganhámos fàcilmente. Tinha dezanove anos e fazia a minha primeira época de sénior. Belos tempos!...

OTTO GLÓRIA

Otto havia acabado mais uma sessão de treino. Com ele, encontravam-se Fernando Cabrita e Artur.

— «Mister», qual a «linha»?

— Em princípio, a mesma que iniciou os dois últimos jogos, com a C. U. F.

— Jogam Abel e Jaime Graça?

— Assim penso, embora qualquer contrariedade me possa obrigar a alterar os planos. Porém, Torres e José Augusto, por exemplo, poderão entrar em qualquer momento.

— Otto, o senhor é especialista em «Taças»...

— Sim, as equipas que tenho dirigido já triunfaram em algumas. À frente do Benfica, venci quatro. Com o Belenenses, uma. Quando estava no F. C. Porto, estive numa final com o Benfica... foram «só» 6-2.

— E agora...

— Confiamos, desconfiando. A equipa está em «forma». Estou convencido, porém, que esta final não vai ter muitos golos. Talvez suceda o mesmo de há anos. Vencemos o F. C. Porto, por 1-0. Cavém marcou no primeiro minuto e... pronto. Houve emoção pela incerteza do resultado.

«Frente à Académica, uma equipa «sui generis», vai ser difícil. A sua irreverência, a sua alegria poderão transtornar-nos os planos. Porém, o Benfica está em «forma», apesar de apresentar, amanhã, uma série de «vèlhadas», tais como o Malta da Silva, o Zeca, o Humberto Coelho, o Adolfo, o Toni e o Abel. Claro que Eusébio, Simões, José Henrique e Jaime Graça, não estão «velhos», estão «velhíssimos».

Pusemos ao técnico as últimas questões:

— Fonseca...

— Pelo que conheço de Fonseca, pode trazer benefício para o Benfica. É bom jogador. Da competição entre ele e os guarda-redes de que o Benfica actualmente dispõe e em quem confio, lucram, também, os próprios jogadores.

— Renovações...

— Está tudo bem encaminhado. As divergências que existem não são incompatíveis.

— Mesmo com Eusébio...

— Mesmo com Eusébio. As verbas que, para aí, se propalam constituem autêntico disparate. O Benfica tem as suas ideias e o jogador também. O principal problema de Eusébio é a questão das suas férias. Eusébio quer ir a Lourenço Marques ver a mãe e necessita da autorização do clube. Esse, agora, o obstáculo a vencer e que o Benfica resolverá da melhor forma.

— Torneio de Badajoz...

— O Benfica rodeará a sua representação de todos os cuidados. Há toda uma questão de prestígio a defender. São quatro grandes: Atlético de Madrid, Real Sociedad, Vitória de Setúbal e Benfica. Queremos vencer o Torneio de Badajoz!

VÍTOR HUGO

BELÉM EM NOVA IORQUE

(Continuação da 1.ª pág.)

Pelé, aceitou o convite e jogará no dia 26, sexta-feira, contra o Milan, fazendo programa com o outro jogo, Inter-Panathinaikos.

No domingo, dia 29, realizar-se-á o jogo entre os vencidos, seguido da final.

Os dirigentes do clube lisboeta assinam hoje, de manhã, o contrato, admitindo-se que o Belenenses faça ainda um terceiro jogo, no dia 1 de Julho, em Toronto.

Todos os jogadores do Belenenses, que se encontravam em férias, foram convocados para tratarem da documentação e recomeçarem os treinos na próxima segunda-feira, voltando novamente para férias, depois do regresso dos Estados Unidos.

DICIONÁRIO

(Continuação da 8.ª pág.)

OXIGÉNIO
— doping para a altitude.
PADRASTO
— pai «B».
PAGÃO
— o que paga.
PAGODE
— conjunto dos que pagam.
PAI
— o que nos paga as quotas até certa altura.
PALAVRÃO
— ....
PALEOLÍTICO
— futebol com pedras a fazer de balizas.
PALESTRA
— Minhas senhoras e meus senhores, ...
PALHAÇA
— queda aparatosa.
PALIATIVOS
— falar nas vitórias das outras modalidades no dia em que perdemos no futebol: «Qual bola, qual carapuça, o que interessa é o badminton!...»
PALMATÓRIA
— justiça da Académica para os seus futebolistas-estudantes.
PALMITO
— pormenor técnico muito importante em todas as desportistas.
PALPITE
— 111X211X2XX11.
— Benfica 2 - Académica 2.
PANCRÁCIO
— modalidade de luta.
PAR
— 2, 4, 6, 8, 10...
PARABÓLICO
— que pára muito bem a bola.
PARAPEITO
— que domina a bola com o peito.
PÁRA-QUEDAS
— aparelho que vai ser usado pelos saltadores à vara.
PARES
— marcação cerrada.
PARRA
— os calções de Adão.
PARTICULAR
— Extra-Campeonato.
PARTIDA
— Preparar!... Estão prontos?... Pum!...
PASSADIÇO
— Sede do Sporting.
PASSADO
— Sport Lisboa e Saudade.
PASSAGEIRO
— remador que não rema.
PASSAJEM
— mau passe.
PASSEATA
— os 1500 metros em 43 m. e 37 s.
— amanhã, até à Cruz Quebrada.
PASTILHA
— remate forte.
PATADA
— entrada do adversário.
PATINS
— rodinhas que trazem e levam títulos mundiais para Portugal e para Espanha.
PATINHAR
— patinar na piscina.
PAU
— jogo de feira.
— em português, «stick».
PAU-SANTO
— o «stick» das grandes vitórias.
PAUZINHO
— «stick» chinês para o arroz.
PAVÃO
— jovem «internacional» portista.
PAVILHÃO
— desportos cobertos.
PAZ D'ALMA
— pugilista incapaz de dar um soco seja a quem for.
PÉ
— a parte interior da bota.
— a ferramenta do jogador.
PEÃO
— quinze paus.
PECADO
— pé mal metido.
PECÚLIO
— dinheiro ganho com os pés.
PECÚNIA
— dinheiro aos pontapés.
PECUNIÁRIAS
— as multazinhas.
PEDAÇO
— pé muito rijo.
PEDAGOGIA
— arte dos pés, ensino a pé, desde a lavagem diária ao andar e ao chutar.
PEDAL
— bocadinho muito importante do ciclismo.
— a parte debaixo do Joaquim Agostinho.
PEDANTES
— pé antigo, pé que já não se usa.
PÉ-DE-ALFERES
— tentativa para aliciar um jogador.

COLABORAÇÃO DOS LEITORES

ABC — bola de trapos (Sérgio Pereira — Olhão).

AMÁLIA — campeona nacional do disco (Carlos Sárria — Espinho).

CANADÁ — a conclusão a que chegou Matateu (A. Madeira — Souselas).

CAPICUA — o empate (F. Santos Lourenço — Lisboa).

COMPADRES — Hoje, às 10 horas, Seminário dos Olivais-Seminário de Almada (J. A. Alves — Cova da Piedade).

CONSIGNAÇÃO — jogador que só recebe as luvas no fim do contrato (J. M. F. — Funchal).

DESOLADO — abreviatura de «dez (remates) ao lado» (J. A. Henriques Sousa — Matosinhos).

EXTRADITAR — enviar o «caso» Sajoanense-Benfica à F. I. F. A. ou à U. E. F. A. (J. M. Tuna — Torres Novas).

HENRIQUECIDA — a equipa do Benfica quando o guarda-redes joga bem (Celestino Viegas — Ois da Ribeira).

FATAL — a derrota perante a Suíça (J. M. Tuna — Torres Novas).

TESTEMUNHAR — passar o testemunho nas estafetas (J. A. Henriques Sousa — Matosinhos).

TRAMBOLHÃO — queda do Olhanense da I à III Divisão (J. A. Alves — Cova da Piedade).

TRUTA — jogador famoso (Casimiro S. Silva — Caneças).

VETERANIA — os gloriosos carecas do futebol português (Celestino Viegas — Ois da Ribeira).

NÚMEROS E NOMES

(Continuação da 5.ª pág.)

Gaspar Pinto, Francisco Albino e Francisco Ferreira; Feliciano Barbosa, Rogério de Sousa, Espírito Santo, Alexandre Brito e Alfredo Valadas.

Na segunda parte é que se desencadeou o drama (para o Benfica, evidentemente)... Ao 2-1 para a Académica ainda se seguiu o 2-2, mas Arnaldo Carneiro passou a conta para 4-2 e... foi o fim. Foi mesmo porque um terceiro golo do Benfica, à beira do fim, já não aqueceu nem arrefeceu...

Alberto Gomes e Manuel da Costa marcaram os dois outros golos da Académica, mas o extremo-esquerdo Pimenta foi um dos grandes construtores do triunfo. Ele seria, talvez, o menos hábil dos atacantes escolares, mas aproveitou muito bem a tarde de negra do defesa-direito (suplente) do Benfica, João Correia de seu nome, «Cabo-de-Faca» de sua alcunha, hoje motorista do autocarro do Benfica.

Pela noite fora, os estudantes atroaram Lisboa com a sua festa e o regresso a Coimbra constituiu um verdadeiro acontecimento que a todos contagiou... e de que ainda hoje se fala.

O Benfica, por seu turno, iniciara da pior maneira a sua participação numa prova em que viria a afirmar-se um autêntico especialista, detendo hoje todos os «records» da «Taça», em vitórias, em golos, em séries ...e até em exibições.

Logo no ano seguinte, o Benfica tinha a sua primeira «Taça» ganha, aliás, com certa sorte, porque o Belenenses, batido por 3-1, tinha uma grande equipa, a tal de Tarrio, Scopelli e Telechea; Amaro, Quaresma e Rafael.

Três anos seguidos foi o Belenenses à final e, depois de perder com o Benfica, em 1940, perdeu com o Sporting (1-4) e ganhou ao Vitória de Guimarães (2-2).

A Académica só doze anos depois do seu êxito de 1939 voltou à final da «Taça» (portanto, em 1951) e novamente para defrontar o Benfica, que, nessa altura, já era o grande senhor da prova, já tinha lavado essa nódoa das Salésias com a conquista brilhante de quatro «Taças», a saber:

Em 1940 — Como vimos, 3-1 ao Belenenses, no Lumiar.

Em 1943 — 5-1 ao Vitória de Setúbal, nas Salésias.

Em 1944 — 8-0 ao Estoril, nas Salésias (resultado «record» da prova).

Em 1948 — 2-1 ao Atlético, no Estádio Nacional.

Nestas quatro vitórias, o Benfica marcou 18 golos, sofrendo apenas 3, e a final seguinte com a Académica mais avolumou esses «records», porque os «encarnados» alcançaram novo triunfo rotundo (5-1).

Por esta altura, (1949-1953) o Benfica fez quatro finais consecutivas — «recorde» que só foi igualado, no ano passado, pelo Vitória de Setúbal.

Com uma diferença: o Benfica venceu essas quatro finais... e de que maneira!... Desta:

Em 1949 — 2-1 ao Atlético.

Em 1950 — Não se disputou a «Taça de Portugal».

Em 1951 — 5-1 à Académica.

Em 1952 — 5-4 ao Sporting.

Em 1953 — 5-0 ao F. C. Porto.

Em três finais consecutivas, quinze golos do Benfica.

Essa segunda final Benfica-Académica disputou-se no dia 10 de Junho de 1951, no Estádio Nacional, sob a arbitragem de Paulo de Oliveira, de Santarém.

Nas meias-finais, o Benfica eliminou o Atlético por 5-3, na Tapadinha e 1-0, no Campo Grande — e a Académica eliminou o Belenenses, por 3-3, em Lisboa, e por 3-0, em Coimbra.

Os finalistas:

BENFICA — Bastos; Artur e Fernandes; Moreira, Félix e Francisco Ferreira; Corona, Arsénio, Águas, Rogério e Rosário.

ACADÉMICA — Capela; Branco e Melo; José Miguel, Mário Torres e Azeredo; Duarte, Rui Gil, Macedo, Leite e Bentes.

Oscar Telechea era o treinador da Académica e, no Benfica, havia, ao tempo, uma dupla técnica: Ted Smith e Cândido Tavares.

Casos pessoais especiais:

— Rogério (que, numa final anterior, fizera cinco golos ao Estoril) assinou quatro, desta feita, e, no ano seguinte, marcaria três ao Sporting.

— Arsénio (B.) e Macedo (A.) obtiveram os outros dois golos desta segunda final Benfica-Académica.

— Francisco Ferreira foi o único jogador presente em duas finais Benfica-Académica. Tinha dezoito anos, quando dos 3-4 das Salésias. Trinta anos em 1951. E ainda jogaria a final seguinte, a tal dos 5-4 ao Sporting.

De 1939 para 1951, ainda houve, por conseguinte, um «sobrevivente» (Francisco Ferreira).

De 1951 para 1969 é que não há hipótese de qualquer um «sobrevivente», até porque o intervalo (dezoito anos) é, agora, muito maior.

No entanto, Artur continua no Benfica e Bentes continua na Académica, mas ambos desempenhando agora funções técnicas.

★

Em suma, esta final de amanhã é a terceira entre Benfica e Académica e, quanto a resultados, tem características de desempate, porque cada qual ganhou a sua.

Quanto a golos, feita a soma das duas parcelas, o Benfica tem avanço: 8-5.

Em duas finais, treze golos. Muitos golos, portanto. Prouvera que a de amanhã também seja assim. Golo é emoção!

CARLOS PINHÃO

A «BRIOSA»

(Continuação da 4.ª pág.)

na vem por aí abaixo, de autocarro, como em todos os jogos do campeonato fora de «casa», almoçando no Carregado.

Depois, a ida até ao Muxito e, a seguir, um passeio de autocarro até Sesimbra para fazer horas para o jantar. Após o jantar, a «malta» já não sai, mas no domingo, em vez do Muxito, a caravana pernoita no Hotel Capitol.

Esta a única alteração em relação às demais deslocações da Académica. Talvez a prever já qualquer comemoração...

★

Um grupo combinava a ida a Lisboa.

— Somos quatro, a gasolina a dividir por todos, acaba por ficar barata.

— Há que contar também com o preço dos bilhetes...

— Para nós, não. O bilhete foi-nos pago por um grupo de sportinguistas que não acreditavam que a «malta» os eliminasse...

★

Académica na final. Uma Coimbra diferente vai despovoar-se ainda mais. A rádio levará o jogo até à cidade, que entrou de férias mais cedo.

JORGE SCHNITZER

AUTOMÓVEIS DE ALUGUER
S/ condutor b/ condições
PROMÓVEL
GERÊNCIA DE
FRANCISCO BENTO
ESCRITÓRIO: Telefone 4 39 17 e EXPOSIÇÃO: Calçada de Arroios, 49-A (ao Arco do Cego)
Telefone 5 70 44
(a 3 metros do cruzamento com a Rua Ponta Delgada)

G. CARDOSO

(Continuação da 2.ª pág.)

to, muito vai lucrando o basquetebol.

«Mas nós, portugueses, continuamos fora da verdade e... sentimo-nos muito felizes. Qualquer dia, por este andar, ainda seremos campeões olímpicos do puritanismo...

«O atletismo português exige, sem dúvida, uma «vassourada» nos seus dirigentes, entre os quais me incluo. É necessário que venha gente nova, gente com outras ideias, mais arejadas, mais evoluídas, mais de acordo com as realidades da hora que passa.

«Estou certo de que, se nos temos disposto a pagar «cachets», este «Grande Prémio de Lisboa» contaria com a presença de diversos outros atletas estrangeiros de projecção internacional. Mas, como somos ingènuamente fiéis os princípios do amadorismo olímpico, teremos de continuar a marcar passo e a ficar cada vez mais longe dos outros países, em matéria desportiva.

«Já não se justifica que nos façamos representar por dirigentes, nos Congressos do atletismo, por exemplo, que é o caso de que vimos falando. Essas representações têm de ser entregues a técnicos de matéria, a profissionais, aos professores Moniz Pereira e Eduardo Cunha, por exemplo, pois são eles, e não nós, dirigentes, que sabem do assunto e que já têm, até, os seus conhecimentos pessoais, as suas amizades, que muito contam nestas coisas.

«E há que levar prendas, para oferecer nessas reuniões, e há que fazer convites às individualidades que pesam no meio em causa...

«Enquanto assim não for e enquanto não tivermos, também, por exemplo, um consultor técnico profissional para traçar e ver respeitadas as directrizes de cada um dos nossos organismos, não haverá forma de deixarmos de nos ver cada vez mais isolados e... ignorados.

CRUZ DOS SANTOS

HOSPITAL DAS CAMISAS
Confecções * Transformações * Arranjos * Punhos e Colarinhos
Rua Arco Marquês de Alegrete, 50, 1.º (ao Martim Moniz)
Telef. 86 24 02

Diz FRANCISCO ANDRADE

(Continuação da 4.ª pág.)

Fui para lá e o Naval, inesperadamente, apareceu então a discutir a subida, acabando por ser apenas afastado definitivamente no último jogo contra «Os Leões» de Santarém. No entanto, não fiquei de forma nenhuma aborrecido ou entristecido por deixar de treinar a equipa, já que passei assim a ser promovido para a equipa principal do meu clube de sempre, o que, como é natural, me encheu de orgulho e de alegria.

ACADÉMICA — O treinador tem que seguir o «padrão»

Francisco Andrade é um rapaz modesto. Não tem frases de fanfarrão, mostra-se sempre comedido e cauteloso nas palavras que diz.

O repórter diz-lhe:

— Andrade, como encara você esta proeza de a sua equipa nitidamente desfalcada, pelo menos, em relação ao ano anterior de Toni, Artur Jorge, Maló, Celestino e Ernesto, conseguir chegar agora à final da Taça de Portugal?

— Aqui, na Académica, é diferente de todas as outras equipas. Nestas, o treinador procura impor sempre o seu estilo pessoal, há essa ânsia de o técnico que sabe que vai estar apenas por uma época, na maior parte dos casos, tentar mostrar o valor do seu trabalho. Aqui, na Académica não é assim. O treinador que vem, em vez de impor o seu estilo, sujeita-se ele ao estilo da Académica, ao padrão da equipa que ele passa a treinar. É esta a maior homenagem que se pode prestar ao futebol de «Mestre Cândido», um futebol que continua perene, apesar de, depois dele, já por cá muitos treinadores terem passado, cada qual com seus conceitos e suas ideias próprias. Mas o futebol do grande mestre sobreviveu e continuará a sobreviver a tudo.

O «Mister» faz uma pausa. Recorda na sua mente a pergunta inicial. Depois, responde, mais concretamente:

— Claro que, quando passei a treinar a equipa rincipal da Académica, «dei» um pouco de mim mesmo ao nosso actual estilo, ao nosso actual padrão. Não podia deixar de ser, mas o que queria dizer é que a essência se manteve e se mantém.

Andrade é também um estudante igual a todos os estudantes da Universidade de Coimbra.

— Fiz, aqui, o segundo, o quinto e o sétimo ano dos liceus. Meu pai formou-se cá em Farmácia, eu gostaria também de cá me formar. Agora, sou aluno do primeiro ano da Faculdade. Claro, o facto de ser um estudante como os jogadores tem vantagem. Quanto a mim, ser daqui, do meio académico, tem influência. Está-se mais dentro dos problemas dos rapazes, compreendemos melhor os seus anseios, as suas aspirações, as suas dificuldades. Num clube profissional, impõem-se normas aos jogadores, eles fazem o que se lhes manda, mas não sabem a razão do que fazem. Aqui, não, só temos que explicar aos jogadores por que não devem fazer determinado número de coisas. Então, nunca mais há problemas.

Irmão em vez de técnico

Na Académica não há castigos nem multas. Conta-se que determinado treinador, há quase dois lustros atrás, quis multar jogadores. A direcção fingia que sim, que multava, dizia que tirava mas não tirava. Aqui, é impossível aceitar-se um sistema desses. No Naval, por exemplo, é diferente. É um clube profissional ou profissionalizado, tendo que haver, de vez em quando a sua multa. Mas eu prefiro como é aqui. Não tenho o complexo de não ser obedecido.

Francisco Andrade começou a treinar na Académica quando era, ainda, um rapaz novo. Por isso, agora, alguns dos seus actuais pupilos são mais velhos do que o treinador.

— Sim, há casos desses. O Curado e o Rocha, por exemplo. Mas isso não tem qualquer influência. Eu respeito-os, eles respeitam-me. Tratamo-nos por «tu». Não há memória de algum vez ter havido um caso de falta de respeito de um jogador para um dirigente ou um treinador. A mim, por sinal, mais do que a um técnico eles tratam-me como um colega ou até como um irmão mais experiente.

Na Académica, o homem que nunca passou de futebolista mediano, revela-se, agora, como um treinador de grandes recursos.

— Como futebolista, tive o grande azar de jogar no posto que, aqui, pertencia ao Wilson e ao Torres, jogadores cuja categoria eu não podia destronar. Por isso me limitei quase sempre a um lugar de segundo plano. Agora, como técnico, não me contento nunca com o que sei, procuro aprender sempre mais, actualizar-me mais e mais. Quanto às minhas ideias pròpriamente ditas, posso dizer-lhe que não tenho a mania das tácticas. Quanto a mim, há coisas mais importantes no futebol. Por exemplo, sou de opinião que, primeiro que tudo, há que estruturar uma equipa, impor-lhe um padrão de jogo. Depois disso é que virá, então, a táctica. Mas entendo que a táctica sem estruturação é uma obra sem alicerce, feita no ar.

Auto destruição na Académica

Francisco Andrade não gosta de tácticas. Mas tem estado muito em discussão qual a táctica que melhor serve a Académica. Inclusivamente se, à defesa, a Académica poderá jogar o «seu» futebol...

— Sou de opinião que nem todas as tácticas podem servir o nosso futebol, como pena de se poder cair num caso de autodestruição, o que, julgo, não será o que se pretende. A Académica, se quer jogar o «seu» futebol, aquele que lhe tem ficado de ano para ano, de treinador para treinador e como testemunho que se entrega, se conserva e se procura manter, nunca poderá por exemplo, utilizar um ferrolho. Dou outro exemplo. O Benfica muitas vezes joga num «4x4x2», só com dois homens lá à frente. A Académica, algumas vezes, muitas, até, joga também em «4x4x2», mas nós em «4x4x2» nunca jogamos como o Benfica ou como outra equipa qualquer. É por isso que eu digo que as tácticas, os sistemas de jogo, muitas vezes nada querem significar. Para a Académica, homens a mais na defesa não servem o «nosso» futebol, descaracterizam-no, matam-no.

— Por aqui se pode inferir, por exemplo, que a Académica amanhã não irá jogar à defesa...

— A Académica nunca irá jogar à defesa. É entregarmos os nossos trunfos ao adversário, é despersonalizar o nosso futebol. Ora a força do nosso futebol é precisamente a sua continuação, ser o «mesmo» futebol já há muitos anos, a mecanização que há já em todos os jogadores, joguem eles ou não muitas vezes. Se, agora, contra o Benfica, se fosse, de um momento para o outro, modificar tudo isto, pôr-se os jogadores a jogar um futebol que não é o «seu», que vantagens haveria para nós? Como se compreende, nenhumas...

Marcar Eusébio?

Francisco Andrade tem, amanhã, o seu grande exame. O Benfica, campeão crónico do futebol português, vai enfrentar a sua equipa na final da «Taça».

— Para nós, para o espírito desta «malta» maravilhosa, é mais um jogo que vamos tentar disputar irreverente e descontraidamente. Sei que o Benfica é uma grande equipa. Que o Benfica tem obrigação de ganhar e que o Benfica deve ganhar. Temo muito a categoria dos seus jogadores que eu vi, há quinze dias, frente à CUF, realizar uma exibição de enorme categoria. No entanto, tenho para mim também que o Benfica tem, por exemplo, menos força que o Sporting. E nós ganhámos os dois jogos ao Sporting. Ora, um dos nossos grandes problemas, era precisamente lutar contra as equipas com mais força, mais substracto físico. Ora, se nós, mesmo isso conseguimos fazer, pode-se esperar que também consigamos agora vencer o Benfica. Ainda que o Benfica, claro, pela maturidade dos seus jogadores, seja o grande, o único favorito...

— Se você fosse treinador do Benfica, que táctica utilizaria?

— Como já disse, a táctica não é o mais importante. Agora mesmo, ainda não sei se vou mandar marcar o Eusébio ou não, se isso será conveniente ou não. Talvez até nem me preocupe com isso. Muti menos, por isso,, me posso debruçar sobre a táctica... do adversário. No entanto, acho que qualquer treinador do mundo que queira defrontar a Académica tem de tentar-nos impedir-nos de impor o nosso futebol, tentar matar o irreverência e espontaneidade donosso jogo. Como conseguir tal objectivo é que é um problema que eu não vou ajudar a resolver...

★

Francisco Andrade. Veio ainda menino para jogar na sua Académica. Ainda menino passou a treinar os jogadores mais meninos do que ele. Amanhã, vai orientar futebolistas de nomeada.

Francisco Andrade. O «mister juventude» do nosso futebol. Aos trinta anos, na final mais cobiçada do futebol português!

JORGE SCHNITZER

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

O Varzim chegou a acordo com Joaquim Meirim, que será, pois, o treinador da turma poveira na próxima época.

O contrato foi feito por um ano e, amanhã, Meirim assistirá ao encontro Varzim-Salgueiros, para a Taça «Ribeiro dos Reis», depois de conferenciar com os dirigentes do clube, a fim de se assentar nuns quantos pontos muito importantes.

A equipa foi muito desfalcada com a saída de Nelson, Camolas, Diamantino, Pena, Carmo Pais e Aleixo, de aí resultando um problema sério que o clube encara com serenidade e realismo.

● Na sede da Federação Portuguesa de Futebol, reúne-se, hoje, às 21.30 horas, sob a presidência do dr. Neves Pratas, o Conselho Jurisdicional, a fim de prosseguir no estudo do futuro Regulamento de Disciplina. Serão também distribuídos os seguintes recursos: do Belenenses, a propósito do Torneio Ibérico; da Associação de Futebol de Setúbal (um «caso» apresentado pelo Rosairense) e do árbitro Salvador Garcia, castigado pelo Conselho de Disciplina.

● Encontra-se para vistos dos membros do «C. J.», o processo-recurso do Vianense, respeitante ao castigo aplicado pelo Conselho de Disciplina da F. P. F.

● O técnico Costa Pereira foi ontem notificado da penalidade imposta pelo «C. D.» federativo, havendo recurso para o Conselho Jurisdicional no prazo regulamentar de quinze dias.

● Julga-se que nos primeiros dias de Julho, serão estudados os futuros estatutos da Associação de Futebol de Lisboa, função da competência da Direcção-Geral dos Desportos.

● A Comissão Central de Árbitros arquivou o processo-exposição do Sporting, que discorda dum castigo aplicado ao «reservista» Dani.

● Kiki assinou um contrato com o União de Tomar, clube a que ficou definitivamente vinculado.

● É possível que nos meses de Março ou Maio de 1970, se efectuem dois jogos entre as selecções «A» e «B» de Portugal e Itália, efectuando-se os encontros no nosso país.

● Malograram-se, por completo, as negociações entre o Belenenses e a Cuf para a eventual dispensa do jogador Arnaldo, que tem um compromisso assinado e válido até 31 de Julho de 1971.

LORDELO EM FOCO — Esta é a equipa do Aliados Futebol Clube de Lordelo (Douro), que se sagrou campeã da II Divisão Distrital da A. F. Porto. De pé: Joaquim da Costa, João da Costa, Milra, Barbosa, Neca, Mário, Leal I e Zé Pedro. No primeiro plano: Machado, Jerónimo, Leal II, Talas, Barros, Pinto, Perry, Quim, Aurélio e Ernesto, treinador

EM VÁRIAS MODALIDADES

ANDEBOL DE SETE — A contar para o Campeonato Nacional da II Divisão (seniores e juniores), realizam-se, hoje, mais dois encontros. Em seniores, jogam Senhora da Hora e Académica, às 21.30. Na categoria de juniores defrontar-se-ão Francisco Holanda (Guimarães) e Académica, também às 21.30.

● O Benfica inicia, hoje, a sua campanha internacional na Checoslováquia (Presov). Às 20 horas, jogará com o Oslo (Noruega) e, amanhã, às 19.30, defrontará o Tatran (Checoslováquia).

ANDEBOL DE ONZE — A contar para o Campeonato Regional de Lisboa, realiza-se, amanhã, mais um encontro C. N. O. C. A.-Cova da Piedade, às 10 horas, no Campo do Restelo. O jogo entre o Almada e o Oriental efectua-se, na terça-feira, às 19.30, no Campo do Pragal.

ATLETISMO — Hoje e amanhã, na pista do Estádio das Antas, no Porto, realiza-se o Campeonato Nacional da II Divisão entre as equipas representativas das Associações Regionais (Lisboa, Porto, Faro, Coimbra, Viseu, Madeira e Castelo Branco).

De salientar a presença da equipa representativa da Madeira facto que se regista pela primeira vez.

● No domingo, 29 do corrente, às 10 horas e em Julho próximo, nos dias 2, às 21.30; 6, às 10; 9, às 21.30; 13, às 10; 16, às 21.30; 20, às 10 e 23, às 21.30, o Benfica leva a efeito torneios para sócios e simpatizantes de idade não superior a 18 anos.

BASQUETEBOL — Prosseguiu, ontem, à noite, o «Grande Torneio Feminino». Completou-se a primeira jornada da fase final. Em Algés, defrontaarm-se a equipa local e o CDUL. As «universitárias» venceram por 25-20.

Sob a arbitragem de António Atanásio, alinharam e marcaram:

ALGÉS (20) — Conceição (2), Helena (2), Eugénia (2), Fátima (4), Maria Almeida (10), Ana Cardoso e Ana do Carmo.

CDUL (25) — Ana Távora (6), Inês, «Filó», Teresa (8), Manuela Lisboa (2), «São» (2) e Felicidade (7).

Ao intervalo 14-13.

● Prosseguiu, no INEF, o Estágio de Informação para treinadores e Árbitros. O estágio, que termina hoje, tem decorrido com bastante interesse, lamentando-se apenas o regime intensivo em que se processa impossibilitando a dissecação de alguns temas, especialmente os apresentados pelo técnico norte-americano John Pfitch. Têm surgido problemas nas demonstrações práticas, pois, à excepção de meia dúzia de praticantes que nelas têm participado, todos os outros têm demonstrado o atraso técnico do basquetebol português. A culpa não lhes caberá, mas sim à orgânica.

BILHAR — Na sede do Clube de Bilhar de Barcelona, disputaram-se, anteontem e ontem, mais alguns jogos da «Taça dos Campeões Europeus», tendo-se verificado os seguintes resultados:

Barcelona-Benfica, 4-0; Amagerbre (Dinamarca) - Berlinerfreunde (Alemanha), 3-1; Barcelona-Amagerbre (Dinamarca), 2-2; Kempische (Bélgica)-Benfica, 3-1. A única vitória portuguesa foi conseguida por Vladimiro Monteiro.

CICLISMO — A Federação promove, amanhã, a prova «Dia Olímpico», numa extensão de 98 quilómetros e destinada a todas as categorias de amadores (seniores, juniores e populares). Estão inscritas equipas do Benfica, G. D. da C. M. Loures, G. D. Lousa e S. L. Cartaxo e o percurso é o seguinte, com partida às 9 horas: Campo Grande, Sacavém, Póvoa, Alverca, Alhandra, Vila Franca, Carregado, Azambuja Carregado, Vila Franca, Alhandra, Alverca, Cabeço da Rosa, Bucelas, Tojal, Loures, Carriche, Lumiar e chegada à Avenida D. Amélia.

HÓQUEI EM PATINS — Disputou-se, ontem, a última jornada da Taça «Rogério Futscher», tendo-se verificado os seguintes resultados: Sp. Torres-Cascais, 2-7; Salesiana-Física, 2-1 e Paço de Arcos-Sporting, 4-1.

O Paço de Arcos, com este triunfo, ficou em óptima posição para conquistar o troféu. Tem ainda um jogo em atraso contra o Cascais e que se realiz. na segunda-feira. Bastar-lhe-á um empate para assegurar o triunfo na competição.

Alinharam e marcaram:

SALESIANA — Messias; J. João (1), Gaudêncio, Espadinha, António José (1), Venâncio e Baleizão.

FÍSICA — António Pedro; Mateus, Almeida, Umbelino (1), Rodrigues, L. Alberto e Crispim.

PAÇO DE ARCOS — Louro; Alfredo, Vieira (1) Abreu (1), Rosa Soares (2), Rafael, Correia Santos e Monteiro.

SPORTING — Vítor Ferreira; Reis, Barata, Gomes Pereira, Ponte (7), Paulo e Vasco.

Posição actual:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
SPORTING	7	6	—	1	32-10	19
Paço de Arcos	6	6	—	—	31- 6	18
Cascais	6	5	—	1	25- 8	16
Azeitonense	7	3	1	3	9-20	14
Salesiana	7	3	—	4	21-20	13
Física	7	2	—	5	14-20	11
Sp. Torres	7	1	1	5	11-33	10
Cimento Tejo	7	—	—	7	7-28	7

JUDO — Em Sintra, nas instalações do União Sintrense, realizou-se, ontem, a disputa da «Taça Dia Olímpico».

A prova foi disputada no sistema de eliminatórias direc'as, como repescagem. Aberta a todos os atletas, sem distinções de categorias de peso ou «cintos», a competição terminou com a vi'ória de Costa Matos.

Nos lugares seguintes classificaram-se Francisco Aguiar, Carlos Oliveira e Nelson Machado todos do Judo Clube de Portugal.

LUTA GRECO-ROMANA — A selecção nacional que vai disputar, na próxima semana, com a França e Marrocos, a «Taça Oceano», será assim formada: Leonel Duarte, Luís Grilo, Borges Carvalho, Joaquim Vieira, João Margaça, Pimenta de Sousa, Adriano Morais, António Galantinho, Joaquim de Oliveira, Augusto Costa ou Américo Santos.

Deslocam-se, também, os dirigentes João Worm, o treinador Rui Margaça e os árbitros Luís Caldas e Agostinho Filipe.

NATAÇÃO — Estão abertas as inscrições para as escolas de iniciação que o Benfica vai fazer funcionar nas pisicinas de S. Bento Graça e Areeiro. As aulas começam no dia 1 de Julho.

PINGUE-PONGUE — Na sede da Associação de Lisboa realizou-se, ontem, uma reunião dos delegados dos clubes, a fim de resolverem a realização das provas regionais que ainda estão por disputar. Foi decidido que as competições de meninos, infantis e juniores se realizem nas próximas terça, quarta e quinta-feira. As provas de pares, em todas as categorias, ficam dependentes do número de inscrições, que se encerram na próxima quinta-feira.

● Nas Caldas da Rainha, realiza-se hoje e amanhã, à noite, o torneio do «Dia Olímpico».

● Na mesa do Clube Recreativo de Olival Basto, efectuaram-se os jogos da segunda jornada da Taça «Barna» competição organizada pelo Swaitheling Clube e dedicada a jogadores veteranos. Classificação actual: Oliveira Ramos, 18 pontos; Carlos Galiano 14; Appleton Figueira, 12; Mike Thornhill, 10; Madeira Pais, 6; Eduardo Osório e José Manuel Amaro, 2; João Antas e Eduardo Serrano, 1. A próxima jornada está marcada para 10 de Junho.

PUGILISMO — No Pavilhão Gimnodesportivo da Associação Académica da Amadora, realizou-se, ontem, a 4.ª sessão dos torneios de Preparação e Iniciação de 1969, organizados pela Federação. Resultados:

Torneio de Iniciação: «Mosca», Carlos Ferreira (Combatentes) venceu Óscar Paixão (Estefânia), por pontos; «Ligeiro», vitória pontual de João Nunes (estefânia) sobre Virgílio Cabral (R. Janeiro); «Meio médio ligeiro»: Carlos Oliveira (Alvalade), mal preparado, não suportou os golpes ao estômago com que Manuel Nunes (Sporting) o castigou e, pouco depois de começado o segundo assalto, resolveu abandonar; «Médio ligeiro»: Marcelino Viegas (Sporting) venceu, por pontos, Belarmino Ribeiro (R. Janeiro).

Torneio preparação — «Meio médio»: triunfo de António Romano (Sporting), por pontos sobre José Luís (Estefânia), depois de terem feito um dos melhores combates da sessão; «Pluma»: outra vitória pontual de outro sportinguista António Gouveia, sobre Fernando Baceira, do Estefânia. «Meio-médio ligeiro»: dois sportinguistas, Carlos Santos e Armando Seco, com triunfo por pontos do último, com o seu quê de injusto, levando o público a ruidosos protestos; «Galo»: Manuel Dores (E. Amadora) e António Rebelo (R. Janeiro) realizaram um bom combate, cabendo a vitória, por escassa margem pontual, ao pugilista do Rio de Janeiro.

Lança Pires (E. Amadora) e César Barbosa (E. Alvalade) fizeram um combate exibição, sem resultado, portanto.

TÉNIS — Nos «courts» do Clube Internacional de Ténis, prosseguiu, ontem, o torneio da Taça «62 Anos», tendo-se verificado os seguintes:

J. SantosCosta-Alberto Oliveira, 2-0 (6-2 e 6-0); António Borges-Salazar Leite, 2-0 (6-2 e 6-1); José Dias-Gerardo Maia, 2-0 (6-4 e 6-2); Alberto Coronel-Pedro de Oliveira, 2-0 (6-1 e 6-2).

O torneio prossegue hoje de manhã e à tarde.

VOLEIBOL — O Campeonato Nacional de Voleibol prossegue hoje com os seguintes jogos:

Leixões-Técnico, que pode ser decisivo para a atribuição do título, C. D. U. P.-Nun'Álvares, Nacional-F. C. Porto e Benfica-Sporting de Espinho.

Todos os encontros começam às 21.30 horas.

Para o homem que se barbeia, diàriamente, é indispensável uma loção para «depois-da-barba», de características especiais.

Pitralon reúne essas exigências de tratamento dermatológico — é anti-bacteriano, elimina as impurezas da pele (borbulhas) e evita a infecção. Pitralon penetra profundamente na pele e activa a circulação do sangue. Pitralon, é usado há 35 anos por milhões de homens, com satisfação plena.

Frascos a partir de Esc.: 10$50

OS HOMENS USAM PITRALON

Curso sério completo. Envie selo e receberá «grátis» livreto DH de 60 páginas — CROFT — Apartado 2 — Costa Caparica

AMANHÃ, ÀS 12.30 HORAS

UMA LÁPIDA EVOCATIVA DO CAPITÃO SANTOS ROMÃO

Uma comissão de excelentes desportistas, da qual fazem parte Tito Moreira Rato, Olivério Serpa, Sidónio Serpa e Emídio Pinto, decidiu prestar ao saudoso e distinto dirigente, cap. José Luís dos Santos Romão, mais uma homenagem justíssima, que ficará a perpetuar não só as invulgares faculdades do homenageado como também os formosos dotes de carácter de quem a vai promover.

Assim, escolhendo o ensejo que se lhe deparou de em Maio último haver feito trinta anos que em Portugal se realizou o primeiro «Mundial» de hóquei em patins, triunfante organização, encarada sob todos os aspectos, levada a efeito mercê dos assombrosos esforços despendidos pelo cap. Santos Romão, a referida comissão quis assinalar tal data promovendo o descerramento de marmórea lápida comemorativa na campa do que foi dedicado e empreendedor presidente da Federação Portuguesa de Patinagem e a quem o desporto nacional, especialmente o hóquei sobre rodas, ficou a dever inultrapassáveis serviços.

Tão singela quão significativa cerimónia efectua-se amanhã, às 12.30 horas, no cemitério de Benfica.

O PLANO DA SELECÇÃO

(Continuação da 3.ª pág.)

-feira, 8 — Estágio e preparação; **Terça-Feira, 9** — Partida, de manhã, para Inglaterra; **Quarta-feira, 10**, — Jogo; **Quinta-feira, 11** — Regresso a Portugal e aos clubes.

Projecto do calendário para a nova época (de 1 de Setembro a 31 de Dezembro de 1969)

O calendário até ao fim do ano está assim elaborado:

7 de Setembrfo (domingo) — 1.ª jornada da I e II Divisão; **14 de Setembro** — 2.ª jornada; **21 de Setembro** — 3.ª jornada; **28 de Setembro** — 4.ª jornada; **5 de Outubro (domingo)** — Preparação das selecções nacionais «A» e «esperanças»; **12 de Outubro** — Roménia-Portugal e França-Portugal; Taça de Portugagl entre a II e III Divisão; **19 de Outubro** — 5.ª jornada da I e II Divisão; **26 de Outubro** — 6.ª jornada; **2 de Novembro (domingo)** — Suíça-Portugal e Portugal-Rodésia; Taça de Portugal, entre II e III Divisão; **9 de Novembro** — 7.ª jornada da I e II Divisão; **16 de Novembro** — 8.ª jornada; **23 de Novembro** — 9.ª jornada; **30 de Novembro** — 10.ª jornada; **7 de Dezembro (domingo)** — preparação da selecção «A», Taça de Portugal, entre II e III Divisão; **10 de Dezembro (quarta-feira)** — Inglaterra-Portugal, em Wembley; **14 de Dezembro** — 11.ª jornada da I e II Divisão; **21 de Dezembro** — 12.ª jornada; **28 de Dezembro** — 13.ª jornada, termo da primeira volta da I e II Divisão.

Datas das competições de clubes da U. E. F. A. obrigatórias e recomendadas para a época de 1969/70

A U. E. F. A. (União das Federações Europeias de Futebol), através de uma reunião de presidentes de todas as Federações da Europa, fixou, como recomendação urgente, as datas dos «Quartos-de-final» e das «Meias-Finais» das suas competições de clubes, «Taça dos Campeões Europeus» e «Taça dos Vencedores de Taça»:

«Quartos-de-Final» — 4 de Março de 1970; 18 de Março de 1970; **«Meias-Finais»** — 1 de Abril de 1970; 15 de Abril de 1970.

Na mesma reunião, foram também fixadas as datas das finais:

29 de Abril de 1970 — Final da «Taça dos Vencedores de Taça»; **1 de Maio de 1970** — Eventual segunda Final; **6 de Maio de 1970** — Final da «Taça dos Campeões Europeus»; **8 de Maio de 1970** — Eventual segunda final.

Conhecidas antecipadmente as datase OBRIGATÓRIAS para as primeira e segunda eliminatórias, o calendário destas competições de clubes da U. E. F. A. fica ssim elaborado:

Datas obrigatórias:

Primeira eliminatória — 17 de Setembro de 1969; 1 de Outubro de 1969; **Segunda eliminatória** — 12 de Novembro de 1969; 26 de Novembro de 1969.

Datas recomendadas urgentemente

«**Quartos-de-Final**» — 4 de Março de 1970; 18 de Março de 1970; «**Meias-Finais**» — 1 de Abril de 1970; 15 de Abril de 1970.

Datas obrigatórias:

Finais — 29 de Abril de 1970, para a «Taça das Taças»; 1 de Maio de 1970, para a segunda eventual Final; 6 de Maio de 1970, para a «Taça dos Campeões Europeus»; 8 de Maio de 1970, para a segunda eventual Final.

Considerando, na medida do possível. dificuldades externas que possam surgir, a reunião dos presidentes aprovou alguns condicionalismos de eventuais ligeiras alterações, a saber:

1 — Adiantar ou atrasar um jogo de 24 horas, para terça-feira ou quinta-feira, a pedido, mas com o acordo dos dois clubes e das respectivas Federações;

2 — Autorizar, eventualmente, outras modificações de datas, em casos particulares e com o acordo dos dois clubes e das respectivas Federações, desde que o sorteio indique vários jogos no mesmo dia em país de pequena extensão geográfica;

3 — Inverter os locais dos jogos a pedido e com acordo dos quatro interessados directos, no caso de dois clubes da mesma cidade ou de duas localidades próximas, numa circunferência de 50 km, terem de disputar os seus jogos «em casa» no mesmo dia;

4 — Autorizar a Comissão de Organização a inverter, por sua própria iniciativa ou a pedido, os locais dos jogos se os clubes forem afectados por uma longa paragem de Inverno.

FINAL DA TAÇA DE PORTUGAL

ACADÉMICA-BENFICA

DOMINGO, 22 DE JUNHO

A C.P. organiza, no dia 22 do corrente, em colaboração com a «Associação Académica de Coimbra», um comboio especial de Coimbra a Lisboa (Santa Apolónia), e volta, por ocasião do desafio de futebol «Académica-Benfica», ao preço de 80$00.

HORÁRIO

Partida de Coimbra	07.50 h.
Chegada a Lisboa (Santa Apolónia)	10.50 h.
Partida de Lisboa (Santa Apolónia)	00.01 h.
Chegada a Coimbra	02.55 h.

Bilhetes à venda na sede da Associação Académica de Coimbra e na estação de Coimbra.

GUIMARÃES—SLOVAN

(Continuação da 3.ª pág.)

cera. E, de ali por diante, tanto de um lado como do outro, pensou-se só em jogar a bola e mais nada.

Entretanto, Mendes tinha emendado um centro de Carlos Manuel, desperdiçando soberana oportunidade de golo. Se a tem aproveitado, poderia ter colocado o Vitória no caminho do triunfo. Mas deixou escapar a oportunidade e lá aquilo ficou tudo à mercê de algum franco-atirador que acertasse algum «petardo» a jeito.

Aconteceu, eram decorridos 25 minutos desta segunda parte, num lance precedido de falta que o árbitro não assinalou. Houve um remate que Rodrigues não segurou, deixando escapar para os pés de um dianteiro adversário e este, com um «tiro» fulminante, fez o golo. Parecia chegado o fim, mas não era ainda. O Guimarães ainda tinha uma palavra a dizer.

Entretanto, Jorge Vieira tinha substituído, minutos antes, o brasileiro Zèzinho por Silva. Zèzinho acaba, agora, de cumprir seis jogos de suspensão que remontam ainda ao «sururu» da Madeira e daí que se não encontra rodado. Foi, feliz, portanto a sua substituição porque Silva veio transmitir outra movimentação à equipa.

Com o golo, o Vitória perturbou-se e o Slovan, seguindo a ordem natural das coisas, agigantou-se. Mas foi sol de pouca dura, que os moços de Guimarães logo reagiram ao infortúnio e fizeram das fraquezas forças, atirando-se para a frente na busca da vitória. Carregaram a defesa adversária, forçaram, tentaram por todos os meios ao seu alcance o golo que lhes poderia dar a vitória.

E conseguiram-no. Foi aos 35 minutos, e Silva foi o autor do tento. Mas o Slovan continuava com vantagem, porque tinha cedido menor número de cantos. Logo, o Vitória, para inutilizar tal avanço, teria de marcar mais um golo. Nos dez minutos finais, bem o tentaram os rapazes de Guimarães. Foram para a frente, lutaram, porfiaram, esfarraparam-se todos, mas a defesa do Slovan sustinha todas as arremetidas. Não havia mais nada a fazer. O Vitória empatava, mas ficava vencido na eliminatória — por «cantos».

★

Foi muito interessante a actuação da turma vimaranense nesta sua primeira apresentação na Taça Cidade do Porto, mau grado o facto de a equipa se encontrar já com um pé em férias. Na defesa, todos estiveram bem, com saliência para os laterais que se integraram magnificamente no ataque. Nota especial para Gualter. Os centrais estiveram também em bom plano. Augusto foi, contudo, o homem grande da equipa. Orientou o jogo, coordenou os movimentos da equipa, balanceou-a para o ataque. Rodrigues foi culpado por ter deixado escapar a bola das mãos, quando do primeiro remate. Certo que chovia, que o terreno estava lamacento e a bola pesada. Em todo o caso... Quanto aos restantes, atingiram todos a bitola do razoável.

Da equipa do Slovan, diga-se que agradou sem restrições. Velocidade, capacidade de execução e muita força. Uma grande equipa, em suma.

A destacar um sector na equipa checoslovaca, essa honraria terá de ir para a defesa, que se exibiu por forma verdadeiramente notável.

Da arbitragem de Fernando Leite, diremos que se situou em plano bastante modesto. Teve lapsos verdadeiramente comprometedores. No lance do golo eslovaco, por exemplo, não assinalou a falta de que a jogada vinha precedida. Mas, no resto, também Fernando Leite se comprometeu, sobretudo no que à aplicação da lei da vantagem respeita, pois sempre fez dela tábua rasa...

ALVARO BRAGA

FICHA DO JOGO

Estádio das Antas.

Árbitro: Fernando Leite, do Porto.

SLOVAN — Vencel: Zlocha, Hrivnak, Horvath e Mutkovic; Hrdlicka e Moder; Cvetler, Joseph Capkovic, Jokl (Bison) e Jan Capkovic.

V. GUIMARÃES — Rodrigues; Gualter, Pinto, Joaquim Jorge e Costeado; Artur, Peres e Augusto; Zèzinho (Silva), Manuel (Carlos Manuel) e Mendes.

Ao intervalo: 0-0.

O primeiro golo da partida foi obtido pelos forasteiros. A jogada teve o seu princípio numa falta cometida sobre um vimaranense que o árbitro deixou passar. Depois, Cvetler foi lançado, correu, aproximou-se da baliza e rematou forte. Rodrigues não conseguiu segurar o esférico e JOSEPH CAPKOVIC fez a recarga com êxito.

Aos 35 minutos, SILVA recolheu uma bola repelida pela defesa checoslovaca e, já dentro da área, mas inclinado sobre o lado esquerdo, rematou em arco para o canto contrário.

Com o resultado de 1-1 o jogo chegou ao fim do tempo regulamentar. Na soma de «corners» o Slovan conseguiu o apuramento, pois beneficiou de quatro, enquanto os vimaranenses apenas tiveram dois a seu favor.

ONTEM, À NOITE

NO SPORTING DA COVILHÃ —REUNIÃO IMPORTANTE

A Comissão Administrativa do Sporting da Covilhã reuniu-se, ontem, à noite, com os sócios do clube, a quem expôs o que tem sido a sua actividade, desde que tomou posse dos destinos do clube, em Março deste ano, quando já se desenhava a queda para a III Divisão, que não foi possível evitar.

Falaram os senhores José Mesquita Nunes e José Gaspar, que referiram que a Comissão, neste pequeno espaço de tempo, liquidou trezentos contos de compromissos inadiáveis. Anunciaram que, depois de 31 de Julho, quando termina o seu mandato, a Comissão propõe-se não continuar, procurando interessar consócios, no sentido de, naquela data, voltar à normalidade administrativa.

Foram ainda relatados os esforços feitos para se contratar treinador e jogadores, para reforço da equipa e bem assim o bom trabalho que se está fazendo nos domínios dos futebolistas juvenis, no sentido de se tentar devolver o Sporting da Covilhã à sua primitiva grandeza.

A FINAL

PORTO—SLOVAN

AMANHÃ, ÀS 18 HORAS

Termina amanhã, no Estádio das Antas, que já foi cenário da jornada inaugural, a «II Taça da Cidade do Porto».

Às 16 horas, jogam Vitória de Guimarães e Boavista para apuramento do terceiro classificado.

A final é disputada, às 18 h., entre o F. C. Porto e o Slovan.

É a terceira vez que o F. C. Porto e o Slovan se defrontam esta época. A primeira ocorreu nas Antas e os portistas saíram vencedores por 2-1. Os checoslovacos «vingaram-se» em Bratislava e bateram os «azuis-e-brancos», por 4-0.

Por isso, o encontro de agora tem ainda maior interesse.

FUTEBOL PARTICULAR

Em Rebelva (Carcavelos) efectuou-se um encontro particular de futebol entre duas equipas formadas por habitantes de Rana. A dos «Solteiros» venceu a dos «Casados» por 4-3. Alinharam e marcaram:

«SOLTEIROS» — Mário; Graciano (António João), Ismael (2), Vicente e Bolinhas; Talim e Zezito (1); Sousa II, Ico (Armando), Sousa I (João Peres, 1) e João Canina.

«CASADOS — Chico; João, António Mil e Duzentos (2), Ferrer, 1 (José Russo) e Inácio; Pires (Jacinto) e Soriano; João Brito, Vasco (Tinoco), Orlando e Manuel (Vítor Hugo).

FUTEBOL NO FIM-DE-SEMANA

MARÍTIMO—BENFICA NO FUNCHAL, ÀS 17 HORAS

Em juniores: F. C. Porto-Académica, hoje nas Antas.

As provas organizadas, hoje e amanhã pela Federação Portuguesa de Futebol têm os seus encontros marcados para as horas que se indicam:

«Nacional» de Juniores

Nas Antas (campo de treinos): F. C. Porto-Académica, hoje, às 17.30 horas.

No Estádio de Alvalade: Sporting - Vitória de Setúbal, às 10.30 horas.

Taça «Ribeiro dos Reis»

GRUPO A:

	H.
Espinho-Tirsense	10,30
Varzim-Salgueiros	15,00
Penafiel-Leixões	15,30
Braga-V. Guimarães	11.00
Boavista-Leça	14.00

GRUPO B:

Vale-Cambrense - Peniche	11,00
Covilhã-Ac. Viseu	15.00
Gouveia-U. Lamas	17.00
Sanjoanense-Tramagal	17.00
Beira-Mar-T. Novas	17.00

GRUPO C:

«Os Leões»-Oriental	10.30
Torriense-Sintrense	10.30
Sporting-Alhandra	17.00
Marítimo-Benfica	17.00
Belenenses-Atlético	10.30

GRUPO D:

V. Setúbal-Barreirense	10.30
Sesimbra-Seixal	10.30
Portimonense-Almada	17.00
L. Évora-Montijo	10.30
Luso-Cuf	10.00

Todos os jogos, excepto o das Antas, realizam-se amanhã, nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.